

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

LIZIANE BERNARDES DA SILVA

O LUGAR OCUPADO PELO ENSINO DA GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS:

CENÁRIOS DE DISSERTAÇÕES E TESES PRODUZIDAS NO BRASIL
ENTRE OS ANOS DE 2006 A 2009.

São Leopoldo

2013

LIZIANE BERNARDES DA SILVA

O LUGAR OCUPADO PELO ENSINO DA GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS:

CENÁRIOS DE DISSERTAÇÕES E TESES PRODUZIDAS NO BRASIL
ENTRE OS ANOS DE 2006 A 2009.

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Educação
Comunitária com Infância e
Juventude.

Orientadora: Sandra Vidal Nogueira

São Leopoldo

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586L Silva, Liziane Bernardes da

O lugar ocupado pelo ensino da geografia na educação de jovens e adultos : cenários de dissertações e teses produzidas no Brasil entre os anos de 2006 a 2009 / Liziane Bernardes da Silva ; orientadora Sandra Vidal Nogueira. – São Leopoldo : EST/PPG, 2013.

75 p. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2013.

1. Educação de jovens. 2. Educação de adultos. 3. Currículos – Planejamento. I. Nogueira, Sandra Vidal. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

LIZIANE BERNARDES DA SILVA

O LUGAR OCUPADO PELO ENSINO DA GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS:

CENÁRIOS DE DISSERTAÇÕES E TESES PRODUZIDAS NO BRASIL
ENTRE OS ANOS DE 2006 A 2009

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Educação
Comunitária com Infância e
Juventude.

Data:

Sandra Vidal Nogueira – Doutora em Educação – EST

Segundo avaliador: Remí Klein – Doutor em Teologia - EST

AGRADECIMENTOS

A Deus pela proteção durante esta caminhada. Agradeço também a minha família pelo carinho e pela compreensão, e em especial aos meus amados pais (Josué e Joaquina, em memória) pelo brilho que deram na minha vida e o incentivo nas conquistas dos meus sonhos.

Quero agradecer aos meus amigos(as) e colegas pelo apoio constante, que não deixaram faltar nos momentos de dificuldades.

À professora Sandra pela compreensão, paciência e dedicação na orientação que tornaram possível a conclusão deste trabalho.

Não poderia deixar também de agradecer aos professores do curso pela atenção, pelo convívio e pela amizade.

RESUMO

Este trabalho final de mestrado aborda uma investigação realizada sobre a contribuição dos conhecimentos geográficos na Educação de Jovens e Adultos. Para isso, realizou-se uma pesquisa bibliográfica focalizando dissertações e teses, produzidas no Brasil entre os anos de 2006 e 2009. A EJA é uma modalidade de ensino que tem vislumbrado uma tímida transformação em suas práticas educativas no período compreendido entre meados do século XX e início do século XXI. Nesse sentido, é preciso pensar em políticas públicas voltadas para este segmento. Diante do exposto, tem-se como tema do presente estudo “o ensino da Geografia na Educação de Jovens e Adultos”, que se justifica diante da importância que tem para a sociedade ao promover desenvolvimento pessoal, profissional e social do educando e do educador da EJA; sendo também de extrema relevância para o universo educacional, já que a modalidade de ensino em questão é algo em crescente debate e melhoria da qualidade pedagógica e curricular. É de grande relevância também para o mundo acadêmico, porque pode tornar-se fonte de futuras pesquisas, contribuindo para discussões que provoquem mudanças na modalidade de ensino e no componente curricular em questão. Para o futuro profissional é oportunidade de aperfeiçoamento que lhe desenvolverá competências e habilidades na área pesquisada. Além disso, foi um tema que gerou curiosidade de aprofundamento do tema, posto que lhe despertasse a atenção ao observar o modo de ensinar a Geografia na EJA.

Palavras-Chave: Educação de Jovens e Adultos, Geografia, Currículo.

ABSTRACT

This final master's paper deals with an investigation carried out about the contribution of geographic knowledge in Education for Youth and Adults. For this, bibliographic research was carried out focusing on dissertations and theses produced in Brazil between the years of 2006 and 2009. EJA [Education for Youth and Adults] is a modality of teaching which has been able to glimpse a timid transformation in its educational practices within the period between the middle of the 20th century and the beginning of the 21st century. Toward this end it is necessary to think of public policies aimed at this segment. In this light, we have as theme of this study "the teaching of Geography in Education for Youth and Adults", which is justified because of the importance this has for society in the promotion of the personal, professional and social development of the EJA student and educator; it is also of extreme relevance for the educational universe, since the modality of teaching in question is being increasingly debated and its pedagogical and curricular quality is being improved. It is also of great relevance for the academic world, because it can become a source for future research, contributing to discussions which can provoke changes in the modality of teaching and in the curricular component in question. For the professional future it is an opportunity for improvement which will help develop competency and abilities in the area researched. Besides this, it was a theme which generated curiosity for deepening knowledge in the theme, since interest was aroused while the way of teaching Geography in EJA was being observed.

Keywords: Education for Youth and Adults, Geography, Curriculum.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 A CONTRIBUIÇÃO DA GEOGRAFIA NA FORMAÇÃO DA CIDADANIA	13
1.1 As transformações curriculares da Educação de Jovens e Adultos no cenário brasileiro	16
1.2 A contribuição da Geografia na educação da EJA.....	24
1.3 Prioridades na formação do professor de Geografia da EJA	28
1.4 O uso da literatura no ensino da Geografia e suas possibilidades.....	30
2 UMA ABORDAGEM DO CURRÍCULO E DO COTIDIANO GEOGRÁFICO PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	35
2.1 O uso do livro didático no contexto da EJA.....	44
2.2 Uma abordagem reflexiva sobre os materiais didáticos do ProJovem e Cadernos da EJA.....	48
3 O TRABALHADOR NA EJA E O ENSINO DA GEOGRAFIA	51
3.1 O ensino da Geografia na EJA e a contextualização do cotidiano do aluno-trabalhador	53
3.2 A perspectiva do educando da EJA no mundo globalizado	62
3.3 Breve reflexão sobre as dificuldades do trabalhador	64
CONCLUSÃO.....	67
REFERÊNCIAS.....	71

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino com o objetivo principal de educar pessoas que não tiveram condições adequadas e nem acesso à escola na idade certa. A EJA tem como intuito amenizar o *déficit* social que há décadas o Estado brasileiro tem com uma grande parcela da população. Boa parte das pessoas em idade adulta teve de deixar a escola ou mesmo não teve acesso a ela na idade adequada. Os últimos dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) apontam para uma gradativa queda no número de analfabetos no Brasil. A última pesquisa Pnad 2011 (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) apresenta queda de 1% no índice de analfabetos entre as pessoas acima de 18 anos de idade. Em 2004 o índice de analfabetos era de 8,9%. Na pesquisa de 2011 do Pnad esse índice caiu para 7,9%. Apesar da queda há significativa parcela da população analfabeta no Brasil. Sendo assim, refletir acerca do Ensino de Jovens e Adultos no país é tema imprescindível, pois toda melhoria alcançada nesta área é significativa, não só para o desenvolvimento das pessoas, mas também em termos de nação.¹

Neste sentido, o presente estudo buscou refletir sobre questões do universo conceitual da Geografia aplicada à EJA, buscando entender o lugar ocupado pelo ensino deste componente curricular de ensino fundamental e seus significados para a realidade do educando. A proposta é um recorte específico em um componente curricular do currículo da EJA, no caso a Geografia. Para tanto, objetiva-se, de modo específico: a) analisar a contribuição da Geografia na EJA; b) entender a relação da formação continuada do professor de Geografia na EJA; c) perceber como se dá a construção do currículo de Geografia na EJA e sua relação com o livro didático; d) discutir a relação da Geografia com o trabalho do educando da EJA.

Dessa maneira, esta dissertação será realizada com base nas análises de pesquisa bibliográfica desenvolvida em três dissertações e uma tese de instituições Universitárias das regiões Sudeste e Sul do país, Estas tiveram como temas: a) *A didática no processo de alfabetização de jovens e adultos: Uma leitura do cotidiano*

¹ PNAD: *Taxa de analfabetismo cai no país, mas atinge 9,1% da população com mais de 18 anos.* Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/noticias/2012/09/21/taxa-de-analfabetismo-cai-no-pais-mas-ainda-atinge-91-da-populacao-com-mais-de-18-anos.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2013.

a partir da Geografia e de textos literários; b) *A Geografia Escolar do Aluno EJA: caminho para uma prática de ensino*; c) *O Ensino de Geografia e os estudantes/trabalhadores* – Uma análise a partir de experiência com EJA em Sapiranga-RS; d) *Educação Geográfica de Jovens e Adultos Trabalhadores: concepções, políticas e propostas curriculares*.

Será analisada a abordagem que cada autor pesquisado faz em relação ao cotidiano do aluno com os conhecimentos geográficos e suas propostas de trabalho para esta modalidade de ensino. A matriz epistemológica, por sua vez, terá embasamento teórico em autores como Paulo Freire e Moacir Gadotti, que tratam do processo de Educação de Jovens e Adultos, especialmente aqueles que não cursaram os níveis de ensino na devida época, bem como em Antonio Carlos Castrogiovanni, Elsa Yasuko Passini, entre outros, que tratam do ensino da Geografia.

O ensino da Geografia para a EJA torna-se significativo quando é aplicado de forma que o educando se sinta parte do processo e sujeito de estudo dessa ciência. Diante desta situação, é viável que as aulas ministradas sejam compostas de conteúdos e conhecimentos geográficos que abordem um contexto diversificado, que ofereçam oportunidade de aprendizagem prazerosa.

Desta maneira, pode contribuir na aquisição e no desenvolvimento de sua autonomia; que também pode ser um processo de libertação, no qual torna possível o entendimento dos educandos como sujeitos – protagonistas sociais. A Geografia como ciência que estuda o espaço. Espaço é entendido mais do que palco onde os eventos se desenrolam. Espaço como construção histórica, elaborada a partir da prática cotidiana e do inter-relacionamento ser humano-natureza. Por isso esse componente curricular encontra subsídios enriquecedores na construção do conhecimento geográfico, através do uso da literatura e das artes em geral, pois propõe um conhecimento relacionado ao contexto diversificado. Isto possibilita uma leitura crítica do mundo, advinda das diversas interpretações de mensagens que a literatura propicia. Além do próprio estudo dos espaços geográficos.

Nesse sentido, a boa formação do professor de Geografia torna-se essencial para que o processo de ensino e aprendizagem dos educandos da EJA aconteça com sucesso. Especialmente por se tratar de sujeitos que possuem maturidade de vida suficiente para tornar mais significativas e aprofundadas as discussões e

debates em sala de aula acerca das questões sociais, culturais e ambientais que esse componente curricular traz; de maneira que se enfatize a formação de um profissional que desenvolva certa sensibilidade quanto à percepção das necessidades do conhecimento, de acordo com cotidiano dos educandos jovens e adultos.

É interessante salientar ainda a importância da literatura no ensino de Geografia em turmas da EJA, uma vez que por meio dela é que se construirão cognitivamente valores e conhecimentos. Conhecimentos estes que, na maioria das vezes, são identificados ou resgatados pelos sujeitos aprendentes. Promovendo assim uma educação a partir de suas próprias realidades cotidianas. Nessa conjuntura, observa-se que a literatura é uma grande aliada no processo de construção do conhecimento geográfico.

Com esse panorama geral, no primeiro capítulo optou-se por uma abordagem pela contribuição da Geografia para a formação da cidadania, com ênfase em um breve histórico deste componente curricular no cenário brasileiro. Também será discutida nesse capítulo a contribuição da Geografia na EJA, prioridades na formação do professor de Geografia da EJA e o uso da literatura no ensino da Geografia.

O segundo capítulo apresenta a importância do componente curricular da EJA a partir do cotidiano dos educandos, com o foco nas discussões sobre o uso do livro didático no contexto da EJA. E ainda uma abordagem reflexiva de Enio Santos sobre os materiais didáticos do PROJOVEM (Programa Nacional de Inclusão de Jovens) e cadernos da EJA.

O terceiro capítulo discute a relação da Geografia com o trabalho do educando da EJA, abordando a importância de associar os conhecimentos que a Geografia propõe com seu cotidiano e a vida profissional. Assim como a perspectiva do educando desta modalidade no mundo globalizado. Vale lembrar que as três dissertações e a tese de doutorado em estudo servem de subsídio teórico para essa análise.

Nas considerações finais, retoma-se às questões sobre o ensino da Geografia no contexto da EJA no Brasil, pensando os questionamentos que foram expostos no decorrer do texto. O intuito é de pensar novas ideias para proporcionar

uma construção de conhecimento vinculado com as experiências de vida desses cidadãos e cidadãs, que veem na escola a busca por melhorias na sua qualidade de vida. Ou ainda porque entendem que a educação, nisto está incluído a alfabetização e o preparo formal para o mercado, busca de cursos e especialização para os seus respectivos campos de trabalho. Mais além do que isso. O resgate da dignidade e o reconhecimento das suas qualidades e capacidades.

Como metodologia deste trabalho escolheu-se a pesquisa bibliográfica, que tem como objetivo conhecer, escolher, analisar e comentar os aportes didático-teóricos que já existem a respeito do ensino da Geografia na Educação de Jovens e Adultos, nos quais, dentre variadas temas, abordam questões relativas a livros didáticos voltados ao público da EJA. Assim como o trabalho com textos literários. Além do mais, traz à tona a problemática do estudante que também é trabalhador e que o processo ensino-aprendizagem para esses sujeitos deve estar fundamentado também em relação às qualificações por meio da educação profissionalizante. Exigências cada vez mais prementes no mundo globalizado.

1 A CONTRIBUIÇÃO DA GEOGRAFIA NA FORMAÇÃO DA CIDADANIA

Falar em Educação de Jovens e Adultos – EJA – é pensar em um grande contingente de jovens e adultos que não tiveram a oportunidade de receber educação escolar em idade apropriada. Entretanto, por algum motivo, até mesmo quando se encontram em maior idade, esses sujeitos decidem retornar à escola para reaver a educação formal, que de certa maneira lhes foi negada. Ou ainda, da maneira como lhe foi apresentada não conseguiu construir um conhecimento escolar satisfatório, fazendo-o afastar-se da escola ano a ano.

Dessa maneira, dentre as mais variadas motivações que levam as pessoas a tomar a decisão de voltar a estudar, Vera Barreto destaca que “uma delas é a satisfação pessoal, a conquista de um direito, a sensação de capacidade e dignidade que traz satisfação pessoal”.² Isto ressalta o quanto é essencial para o desenvolvimento de uma Nação mais justa a existência de uma reflexão voltada cada vez mais para a deliberação e elaboração de ações acerca de melhorias para a modalidade de ensino da EJA, especialmente no que se refere à ampliação de vagas, à formação de professores e ao desenvolvimento de um currículo próprio. Ações que visem uma formação completa e de qualidade para esse público, além de ter estas ações voltadas para os problemas que esses sujeitos enfrentam diariamente, quer seja na vida em comunidade quer no mundo do trabalho.

Nesse contexto são essenciais para o público da EJA conhecer o objeto da Geografia, seus conceitos e sua aplicação como forma de conhecer a sociedade, como explica Roberto Correia:

Como toda ciência a Geografia possui alguns conceitos-chave, capazes de sintetizarem a sua objetivação, isto é, o ângulo específico com que a sociedade é analisada, ângulo que confere à Geografia a sua identidade e a sua autonomia relativa no âmbito das ciências sociais. Como ciência social a Geografia tem como objeto de estudo a sociedade que, no entanto, é objetivada via cinco conceitos-chave que guardam em si forte grau de parentesco, pois todas se referem à ação humana modelando a superfície terrestre: paisagem, região, espaço, lugar e território.³

² BARRETO, Vera (Coord.). *Trabalhando com a educação de jovens e adultos*. Brasília: Secretaria de Educação Continuada/Alfabetização e Diversidade, 2006. p. 22.

³ CORRÊIA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, Iná Elias de (Org.). *Geografia: conceitos e temas*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 15-49, à p. 16.

Frente à identidade e à autonomia da Geografia, o ensino desse componente curricular tem um papel essencial aos educandos jovens e adultos, visto que possibilita uma leitura crítica do mundo no qual está inserido, já que o seu objeto de estudo é a sociedade e o espaço geográfico, tanto em nível local, como mundial, de maneira a compreendê-lo e atuar de forma cidadã. Desse modo, vale a pena chamar a atenção para a importância da Geografia na modalidade de ensino para jovens e adultos, bem como a necessidade de uma prática pedagógica diferenciada nessas classes, de forma a ressaltar o papel do professor como mediador desse processo. Além de salientar a relevância da aplicabilidade deste componente curricular no contexto diário desses educandos, para que seja possível a reflexão da construção do currículo nesta modalidade de ensino. Proporcionando assim que esta ciência se torne mais significativa frente à realidade dos alunos da EJA.

Quanto a isso, Francisco Coelho Sampaio apresenta a importância da Geografia como

A ciência que fornece os instrumentos básicos para a compreensão de como o espaço foi construído e de como se dá sua reconstrução num processo contínuo, devido à ação humana. A partir dessa compreensão, aponta caminhos para a reconstrução de um espaço que traduza uma distribuição socialmente mais justa, com um índice cada vez menor de degradação e/ou de forma menos agressiva.⁴

Nesse contexto, a Geografia configura-se como uma área do conhecimento humano que se tem tornado muito necessária no momento em que vive a sociedade atual. Compreende-se assim a Geografia como capaz de apresentar aos educandos os espaços geográficos como geradores das relações sociais e econômicas. Portanto, é possível observar os diversos aspectos da ação humana e amenizar possíveis impactos ambientais, desigualdades sociais, entre outras consequências da ação humana no meio em que vive.

Estudar a Geografia é, nessa conjuntura, analisar a complexidade das inter-relações dos sujeitos com o meio ambiente, propondo soluções para os problemas decorrentes da localização geográfica e das alterações ocorridas no quadro natural sem se esquecer das questões socioambientais. O ser humano como inserido na trama de inter-relações de espaço natural e geográfico. Desta forma, acredita-se que

⁴ SAMPAIO, Francisco Pinheiro. *Coleção geografia do século XXI*. Curitiba: Positivo, 2005. p. 4.

o ensino de Geografia é componente curricular de fundamental importância no que concerne à construção das identidades – inclusive a planetária – desses sujeitos, assim como de suas ideias e seus ideais. Compreender a Geografia sob este olhar pedagógico pode pôr luz na percepção da conquista da autonomia dos sujeitos. Além de terem possibilitada a compreensão de sua inserção e sua relação nas problemáticas sociais como sujeitos – protagonistas sociais – do espaço geográfico de que fazem parte.

No que se refere a tal problemática, observa-se que há diversos exemplos da degradação do ambiente e suas consequências desastrosas para a humanidade. No tocante, principalmente, ao desperdício e ao uso exacerbado e inconsequente dos recursos naturais renováveis e não renováveis como a poluição de rios, lagos, mares, oceanos. E ainda o uso indiscriminado de produtos altamente tóxicos, que fazem aumentar a destruição do nosso planeta. Diante desse panorama, a formação do professor de Geografia é de fundamental importância para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem, principalmente quando se trata de um público que possui maturidade e que necessita de um profissional que tenha sensibilidade de perceber as necessidades do conhecimento de acordo com seu cotidiano.

Por isso, segundo Paulo Freire, o professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de intervir no mundo, conhecer o mundo.⁵ Assim, é necessário analisar o ensino da Geografia na EJA voltado para a formação de indivíduos conscientes de seu papel como cidadãos atuantes na sociedade.

O professor de Geografia também pode enriquecer suas aulas e promover um trabalho interdisciplinar, o que facilitará o aprendizado. Pois, ao conhecer um objeto de estudo geográfico, este será mais aprofundado e significativo quando se aproveitam também os conhecimentos provenientes de outras componentes curriculares, entrelaçadas à realidade cotidiana do aluno. Com base nesse pensamento também corrobora Enio Santos:

Quando nos referimos à Educação de Jovens e Adultos como modalidade da educação básica, temos claro o que caracteriza e a diferença da

⁵ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 37 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. p. 28.

educação escolar de crianças e adolescentes são, obviamente, certas características de vida e possuidor de maior inserção no mundo de trabalho. É formado por muitos chefes de família que carregam consigo a responsabilidade, as alegrias e os defeitos inerentes a esta condição, além de ser composta por pessoa que trazem um acúmulo de saberes, costumeiramente chamado de senso comum, que os distingue entre si e revela suas diferentes identidades, constituídas a partir de formas diversas de inserção na vida em sociedade.⁶

O educando da EJA necessita, nessa conjuntura, de um ensino diversificado para ampliar sua compreensão das situações da vida e de mundo, com base em seu vasto conjunto de experiências de vida. Assim sendo, diferentemente de uma classe composta pelo público infantil, a qual geralmente é encaminhada à escola pela família – responsáveis pelas crianças – além do fato de a maioria possuir idades semelhantes, sendo um caso ou outro de idade mais avançada, numa classe de EJA são apresentadas as maiores faixas distintas de idades/séries; uma vez que essa turma se constitui basicamente de adolescentes, jovens, homens, mulheres e idosos. Ou seja, é uma classe cuja característica principal é a diversidade de gerações. É preciso, portanto, para facilitar o entendimento da Geografia e atender as necessidades mínimas do educando, tais como: a formação para o mercado de trabalho, a elevação da própria autoestima e além do interesse de educação para uma prática cidadã. Isto é, compreender a ligação do ensino da Geografia com sua vida. Do contrário, os conhecimentos geográficos não serão relevantes para provocar mudanças reais e efetivas no contexto social e econômico na vida do educando.

1.1 As transformações curriculares da Educação de Jovens e Adultos no cenário brasileiro

A educação destinada ao público jovem e adulto remonta ao início do período colonial no Brasil por intermédio dos Jesuítas, que acreditavam ser possível converter os índios por meio da alfabetização. Uniam-se assim dois objetivos no ensino: alfabetizar e catequizar. Dessa maneira, a alfabetização na vida dos adultos começou a ter importância com a intenção de capacitar as pessoas para o trabalho e integração no modelo de colônia portuguesa. Neste sentido, os jesuítas tiveram

⁶ SANTOS, Enio José Serra dos. *Educação geográfica de jovens e adultos trabalhadores: concepções políticas e propostas curriculares*. Tese (Doutorado em Educação). Niterói: UFF, 2008. p. 24.

papel essencial nos primeiros séculos da colonização brasileira. Foram eles que introduziram o modelo de educação com

O objetivo de instrumentalizar a população, ensinando-a a ler e a escrever. Essa concepção foi adotada para que os colonos pudessem ler o catecismo e seguir as ordens e instruções da corte, os índios pudessem ser catequizados e, mais tarde, para que os trabalhadores conseguissem cumprir as tarefas exigidas pelo Estado.⁷

Dessa forma é observável que a EJA não é recente no país, pode ter até levado outras nomenclaturas⁸, mas acontece desde essa época, pois, quando se falava em educação para população não infantil, fazia-se referência à população adulta, que precisava ser catequizada para as causas da santa fé. A educação escolar no período colonial, ou seja, a educação regular teve três fases: a de predomínio dos jesuítas; a das reformas do Marquês de Pombal, principalmente a partir da expulsão dos jesuítas do Brasil e de Portugal em 1759; e a do período em que D. João VI, então rei de Portugal, trouxe a corte para o Brasil (1808-1821).⁹

Diante destes dados, com a expulsão dos jesuítas, ocorrida no século XVIII (1759), o ensino até então estabelecido foi desorganizado. Os métodos jesuíticos continuaram até o período conhecido como pombalino. Marquês de Pombal organizou as escolas brasileiras de acordo com os interesses do Estado português, para a chegada da família Real ao Brasil. Mas não somente. A questão que estava em jogo neste período era sobre quem determinava os métodos de ensino, a saber, Igreja ou Estado. Pombal estava interessado em um ensino baseado na cultura moderna, sob a égide do Estado secular. De maneira geral Pombal entendia que os jesuítas eram “conservadores e acusados de estar voltados apenas para o reforço de seu pelotão de padres e de priorizar o uso de outras línguas (o latim, principalmente) e não o vernáculo nacional”.¹⁰ Convém considerar ainda que para Paulo Freire tanto a educação dos padres jesuítas e do período pombalino tinha um

⁷ LOPES, Selva Paraguassu e SOUSA, Luzia Silva. EJA: uma educação possível ou mera utopia? *Revista Alfabetização Solidária (Alfasol)*, São Paulo, n. 5, p. 1-20, à p. 2, 2005. Disponível em: <http://www.cereja.org.br/pdf/revista_v/Revista_SelvaPLopes.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2013.

⁸ As nomenclaturas foram o MOBRRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização) e o Ensino Supletivo, que depois passa a ser EJA de acordo com a LDB 9394/96. BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

⁹ GHIRALDELLI JR, Paulo. Entrevista: o plano do heroísmo. *Revista Educação*. São Paulo: Editora Segmento, n. 129, p. 40-45, à p. 46, janeiro 2008.

¹⁰ MARQUES, Izabel Christina. Algumas considerações históricas sobre a educação de jovens e adultos no Brasil. p. 3. Disponível em: <<http://forum.unifreire.org/forumpaulofreire2006/files/2012/09/comunica.pdf#page=254>>. Acesso em: 26 abr. 2013.

caráter bastante elitista, e quando dirigido à população em geral era efetivamente bancário. É um momento de retrocessos e avanços na educação como a obrigatoriedade do ensino da língua portuguesa no período pombalino. Em suma, muito ínfimos diante da carência da população da época.¹¹

Novas iniciativas sobre ações dirigidas à educação de adultos somente vieram acontecer na época do Império, com a Constituição Imperial de 1824, em que no seu artigo 179 constava que a “instrução primária era gratuita para todos os cidadãos”.¹² Contudo, inacessível a quase todos, visto que a titularidade de cidadania era restrita às pessoas livres, saídas das elites, que poderiam ocupar funções na burocracia imperial ou no exercício de funções ligadas à política e ao trabalho imperial. Começava naquele momento histórico a ser gerado o *déficit* educacional do país com sua população adulta. Em seu transcorrer a história da educação básica de adultos começou a estabelecer seu lugar a partir da década de 1930, pois neste período a sociedade brasileira passava por grandes transformações. O sistema de ensino de educação começava a se firmar. Além do crescimento no processo de industrialização e concentração da população nos centros urbanos a procura de emprego, a oferta de ensino era de graça, ampliando-se e acolhendo assim setores sociais cada vez mais diversos.¹³

No Brasil Império, começaram a abrir escolas noturnas para possibilitar o acesso dos que trabalham durante o dia. O ensino tinha pouca qualidade, normalmente com curta duração. Na década da Revolução de 1930, o interesse do governo era alfabetizar as camadas baixas com intuito de fazer estes aprender a ler e escrever, sem despertar a consciência crítica. Por isso não era interesse do governo e da elite dominante uma educação baseada numa formação crítica. O que se pretendia era apenas o ingresso dessas pessoas ao mercado de trabalho para a manutenção dos privilégios das elites.

A Constituição de 1934 no que tange à educação não teve muito êxito. Getúlio Vargas, então presidente da República, criou um novo regime denominado de “Estado Novo”. Foi criada uma nova constituição escrita por Francisco Campos.

¹¹ FREIRE, Ana Maria Araújo. *Analfabetismo no Brasil: da ideologia da interdição do corpo, ideologia nacionalista, ou de como deixar sem ler e escrever desde as Catarinas (Paraguaçu), Filipinas, Madalenas, Anas, Genebras, Apolônias e Grácias até os Severinos*. São Paulo: Cortez, 1993. p. 12s.

¹² GHIRALDELLI JR, 2008, p. 50ss.

¹³ GHIRALDELLI JR, 2008, p. 51s.

Ela foi criada com o objetivo de favorecer os interesses e ideais de quem governava o Estado. A educação passa a ser de absoluta responsabilidade do Estado, inclusive no que se refere à educação para adultos. Embora tenha significado avanço o Estado assumir a educação isso não representou mudanças marcantes no acesso à mesma pela maioria das pessoas. O que parece marcante neste período é o interesse pelo ensino profissionalizante, já que naquele momento era melhor capacitar os jovens e adultos para o trabalho nas indústrias.¹⁴

Na década de 1940 houve um período de muitas mudanças na educação de adultos, com grandes iniciativas políticas e pedagógicas como a regulamentação do Fundo Nacional do Ensino e do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – INEP, com o surgimento das primeiras obras bibliográficas especificamente destinadas ao ensino supletivo e lançamento da Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos – CEAA. Campanha esta que promoveu uma grande preocupação com a elaboração de materiais didáticos para adultos e a realização dos dois eventos supracitados, fundamentais para a área, com intuito de fazer com que a educação brasileira ampliasse seus horizontes e possibilidades para um ensino de melhor qualidade. Moacir Gadotti comenta também que a educação de adultos era gerada com ampliação da escola formal, principalmente, para zona rural. Sendo a mesma apropriada para trabalhar com os alunos deste contexto. Pelo fato de o ensino de adultos não ser algo forçado, só iam para a escola as pessoas que tinham desejo de ingressar em algum curso profissionalizante. Ou ainda as que tinham condições de conciliar o trabalho com os estudos. É importante considerar também que por muito tempo o conteúdo que se utilizava para a educação de adultos era o mesmo para as crianças, reaproveitando-se assim o plano de aula do período diurno. Isso quase sempre ocasionou a falta contextualização prática à realidade de faixa etária, de trabalho e vivências dos educandos.¹⁵

Após o término da ditadura de Vargas, em 1945, o país começou a viver uma grande efervescência política, de maneira tal que a sociedade passou por momentos de grandes crises. Além disso, houve muitas críticas quanto à existência de uma enorme quantidade de adultos analfabetos, fazendo as pessoas

¹⁴ GHIRALDELLI JR, 2008, p. 4-6.

¹⁵ GADOTTI, Moacir. *Um cenário possível da educação de jovens e adultos no Brasil*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2003. p. 12.

desacreditarem na busca de um ensino de qualidade e reforçando um dito popular de que “papagaio velho não aprende a falar”. A partir desse período, a educação de adultos foi assumida pela campanha nacional do povo, lançada em 1947.¹⁶ Essa busca, no primeiro momento, uma ação extensa que previa a alfabetização em três meses, para depois seguir uma etapa de ação, voltada para a capacitação profissional e para o desenvolvimento comunitário. Posteriormente, nos anos 1950, foi realizada a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (CNEA), que marcou uma nova etapa nas discussões sobre a educação de adultos. Seus organizadores compreendiam que a simples ação alfabetizadora não era suficiente, sendo preciso dar prioridade à educação de crianças e jovens. A educação da época, embora bastante limitada, significou alteração visível nas condições de vida das pessoas.¹⁷

Prosseguindo na história da Educação de Jovens e Adultos não poderia deixar de ser citado um dos precursores da alfabetização de jovens e adultos no país, a saber, Paulo Freire. Em 1963 Freire foi incumbido pelo governo brasileiro de “organizar e desenvolver um Programa Nacional de Alfabetização de Adultos”.¹⁸ Este pensador sempre lutou pelo fim da educação que atendia apenas aos interesses da classe elitista, pois tinha como objetivo uma educação democrática e libertadora, que parte da realidade e da vivência dos educandos. Para Freire, o homem “iletrado” se enxerga humilde e culpado, mas aos poucos descobre com orgulho que também é um “fazedor de cultura”. E, mais ainda, que a condição de inferioridade não se deve a uma incompetência sua, mas resultado de uma cultura educacional que o vê como inferior e que inculca nas pessoas que tiveram condições de estudar uma percepção desumanizada do outro. Em resumo, o analfabetismo não é para Freire falta de dignidade. É, antes de tudo, um tolhimento do acesso e de condições justas de sobrevivência e de existência.¹⁹

¹⁶ SOARES, Leôncio José Gomes. A educação de jovens e adultos: momentos históricos e desafios atuais. *Revista Presença Pedagógica*. Belo Horizonte: Dimensão, v. 2, n. 11, p. 27-35, set/out 1996.

¹⁷ GADOTTI, 2003, p. 22.

¹⁸ PORCARO, Rosa Cristina. Educação de jovens e adultos: a regulação das políticas públicas no Brasil. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 17., 2009, Campinas. *Anais do 17º COLE*, Campinas: ALB, 2009. Disponível em: <<http://www.alb.com.br/portal.html>>. Acesso em: 15 mai. 2012.

¹⁹ FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam*. São Paulo: Cortez, 1989, p. 6s.

O método Paulo Freire sobrevive até os tempos atuais e pretende superar a dicotomia entre teoria e prática; entendendo que, no processo de ensino-aprendizagem, as pessoas descobrem que sua prática supõe um saber. Podem então concluir que conhecer é interferir na realidade. E ao se perceberem como sujeitos da história tomam a palavra daqueles que até então detinham seu monopólio. Em face dessa visão de mundo alfabetizar é, em última instância, ensinar o uso da palavra.²⁰

Já nos anos 1970, o MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), cresceu por todo território nacional. O ambicioso Plano Nacional de Adultos que Paulo Freire iniciou no governo João Goulart em 1964 com o objetivo de promover educação de adultos baseado não na quantidade de profissionais formados mas na qualidade e consciência da realidade brasileira foi amplamente substituído pela ditadura militar pelo MOBRAL. Uma das ações subsequentes no regime militar foi o Programa Nacional de Alfabetização, sendo o mais relevante o PEI – Programa de Educação Total, que correspondia a uma síntese do antigo curso primário. Este programa pretendia dar oportunidade para os jovens semianalfabetos continuarem os estudos, bem como para os chamados analfabetos funcionais, aquelas pessoas que não dominavam a leitura e a escrita.²¹

No período seguinte surge no país o ensino supletivo. Foi implantado por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB 5692/71. Em seu texto, um capítulo foi dedicado especificamente para a Educação de Jovens e Adultos. Em 1974 o Ministério da Educação (MEC) propôs a implantação dos Centros de Estudos Supletivos (CES), que tinham influências basicamente tecnicistas e de educação profissionalizante. Devido à situação política do país naquele momento, do regime militar e do crescimento econômico baseado na industrialização, as ações na área são destinadas a formar trabalhadores, e muito menos cidadãos conscientes do direito à educação de qualidade. A partir das décadas de 1980 e 1990 a educação formal/escolar, de uma maneira geral, sofreu mudanças paradigmáticas profundas. Neste período, os educadores buscam novas propostas de ensino, com intuito de entender o aluno como sujeito de conhecimento, também capaz de ensinar e de

²⁰ ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *História da Educação*. São Paulo: Moderna, 1996, p. 209.

²¹ SOARES, 1996.

aprender ao mesmo tempo. Uma educação de via dupla onde o conhecimento é construído e não dado pelo professor ao aluno como receptáculo simplesmente.²²

Em 1985, o MOBREAL findou-se, dando lugar à Fundação EDUCAR do Ministério da Educação, que apoiava tecnicamente e financeiramente as iniciativas de alfabetização existentes no país. Com a promulgação da Constituição de 1988 o Estado ampliou o seu dever com a Educação de Jovens e Adultos. A década de 1990 não iniciou muito bem, houve o fechamento da Fundação Educar. Em compensação alguns estados e municípios assumiram a responsabilidade de oferecer educação para os alunos adultos por meio da municipalização da educação. A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB 9334/96 propôs, em seu artigo 3º, a igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola, o pluralismo de ideais e de concepções pedagógicas, a garantia de padrão de qualidade, a valorização da experiência extraescolar e a vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais. Tais princípios estimularam a criação de propostas alternativas na área da Educação de Jovens e Adultos.²³

Embora a Lei tenha dedicado apenas uma seção com dois artigos à EJA, os artigos 2, 3 e 4 tratam essa educação sob o ponto de vista do ensino fundamental, o que pode ser considerado um ganho para a área. Além disso, ao determinar a identificação daqueles que não tiveram acesso ao ensino fundamental, abriu-se um espaço de intervenção que criou possibilidades de confronto entre o universo da demanda, o volume e qualidade da oferta. Isto gerou um maior compromisso do setor público com a EJA. Nesse contexto Miguel Arroyo busca explicar a abertura para o diálogo que a problemática da EJA vive na atualidade. Este autor salienta que

A EJA tem a aprender com a pluralidade de propostas de inovação educativa que vem acontecendo no sistema escolar assim como tem muito a aprender com os corajosos esforços que vêm acontecendo na pluralidade de frentes onde se tenta, com seriedade, garantir o direito à educação, ao conhecimento, à cultura dos jovens e adultos populares. O clima para esse diálogo é hoje propício.²⁴

²² SOARES, 1996.

²³ BRASIL, 1996, artigos 2,3 e 4.

²⁴ ARROYO, Miguel González. Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio J.G.; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (Orgs.). *Diálogos na educação de jovens e adultos*. Belo Horizonte: Autêntica. 2005. p. 19-50, p. 47.

Em vários estados houve ações de ensino para as pessoas que não frequentaram os estudos em idade escolar. Na Bahia foi criado o programa AJA BAHIA, para alfabetização em quatro meses de jovens e adultos, antecedido por uma ação de capacitação dos professores alfabetizadores com supervisão integral dos coordenadores da secretária de educação daquele estado. Com o surgimento dos fóruns de debate sobre a EJA, que teve início no Rio de Janeiro, a partir de 1997, a história da EJA passa a ser registrada num Boletim da Ação Educativa, que socializa a agenda dos fóruns e os relatórios dos ENEJAs (Encontros Nacionais da EJA).²⁵

De 1999 a 2000, os Fóruns passam a marcar presença nas audiências do Conselho Nacional de Educação para discutir as diretrizes curriculares para a EJA. Os Fóruns, portanto, têm sido interlocutores da EJA no cenário nacional, contribuindo para a discussão e o aprofundamento do que é a EJA no Brasil, além de propugnar percursos para a melhoria e a qualificação do ensino de adultos.²⁶

Em janeiro de 2003 O MEC anunciou que a alfabetização de jovens e adultos seria uma prioridade do Governo Federal. Para isso foi criada a Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo, cuja meta era erradicar o analfabetismo durante o mandato de quatro anos do governo Lula. Para cumprir essa meta foi lançado o programa Brasil Alfabetizado, por meio do qual o MEC contribui com os órgãos públicos estaduais e municipais, instituições de ensino superior e organizações sem fins lucrativos, para que desenvolvam ações de alfabetização.²⁷ Leôncio Soares comenta as ideias em torno da educação de adultos no Brasil entendendo que é possível visualizar horizontes promissores para a EJA no Brasil. E que o ensino como um direito de todos e a tentativa, por meio de políticas estatais, a fim de beneficiar todas as camadas sociais promovem o real exercício da cidadania.²⁸

²⁵ FÓRUM de Educação de Jovens e Adultos do Estado de Rio de Janeiro. Disponível em: <forumeja.org.br/histórico>. Acesso em: 13 mai. 2013.

²⁶ SOARES, Leôncio José Gomes. O surgimento dos fóruns de EJA no Brasil: articular, socializar e intervir. *Revista de EJA*, n. 17, maio de 2004.

²⁷ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Educação de jovens e adultos. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=290&Itemid=816>. Acesso em: 15 mai. 2012.

²⁸ SOARES, 1996.

1.2 A contribuição da Geografia na educação da EJA

A educação escolar pensada para os alunos da EJA é permeada pelo princípio de que ensinar não é transferir conhecimento, mas sim criar as possibilidades para a sua produção e construção. Ou seja, o conhecimento é adquirido através das relações entre sujeito e a realidade e a mediação do professor. Pensando no currículo de Geografia para a modalidade da EJA é necessário que o educador possibilite o aprendizado através estratégias de envolvimento dos conteúdos desenvolvidos, possibilitando a contextualização com a realidade local do educando. Dessa maneira poderá favorecer a curiosidade natural, a expressão espontânea e a criatividade do mesmo. Nesta perspectiva de aprendizagem Paulo Freire fala sobre as necessidades de conhecimento e desenvolvimento do educando para possibilitar reflexão sobre a vivência de mundo de cada aluno.

Na compreensão da história como possibilidade, o amanhã é problemático. Para que ele venha é preciso que o construamos mediante a transformação do hoje. Há possibilidades para diferentes amanhãs. A luta já não se reduz a retardar o que virá ou a assegurar a sua chegada; é preciso reinventar o mundo. A educação é indispensável nessa reinvenção. Assumirmo-nos como sujeito e objetos da história nos torna seres da decisão, da ruptura. Seres éticos.²⁹

Neste sentido é possível dizer que o estudo da Geografia está embutido em uma concepção epistemológica, assim como Freire se opõe frontalmente a um modelo de educação sob a preferência de metodologias tecnicistas, ou ainda de uma suposta neutralidade, cuja finalidade seria a preparação ou treinamento instrumental dos indivíduos para adaptarem-se às demandas de um determinado modelo econômico. Percebe-se neste modelo epistemológico, que visa exclusivamente a preparação para o mercado de trabalho, um descompasso com a intenção essencial da educação: que é promover a dignidade e a humanização das pessoas e não meramente formar mão de obra especializada. Desta forma, a negação do processo educativo que favorece aos/às educandos possibilidades de ação-reflexão-ação para além de sua realidade pretensamente predeterminada é responsável pela alienação do ser humano; também em relação às possibilidades e perspectivas deste mesmo mercado de trabalho, deveras excludente.³⁰

²⁹ FREIRE, Paulo. *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Olho d'Água, 2006. p. 40.

³⁰ FREIRE, 1989, p. 20s.

Em consonância a uma educação para a humanização e sociedade justa³¹, a Geografia possui um papel relevante na formação do educando da (EJA), pois seu ensino possibilita que o educador explore as diversas experiências cotidianas dos educandos. Esta é uma forma de os capacitar como pessoas integrantes e atuantes na sociedade a partir do contexto socioeconômico e cultural onde estão inseridos. Por isso, compete ao educador estar atento à sua prática pedagógica para que possa dar sua contribuição no processo de ensino-aprendizagem, como aborda Márcia Resende:

Se nós, professores, passássemos a considerar devidamente o saber do aluno (seu espaço real), integrando-o ao saber espacial que a escola deve transmitir-lhe o que, segundo me parecia, supõe repensar o objeto mesmo da Geografia que ensinamos, tal atitude podemos trazer profundas e benéficas consequências à nossa prática de ensino.³²

O professor de Geografia na EJA, pensando no processo de ensino e aprendizagem, precisa conceber uma abordagem metodológica que remeta a uma prática constante de ação-reflexão-ação ou, melhor expressando, prática-teoria-prática, de forma que haja a premência de partir da prática. Isso porque esses jovens e adultos são efetivamente sujeitos, mesmo vivendo numa sociedade que exige que as pessoas sejam letradas/alfabetizadas. Isso porque já possuem vivências e atuam de maneira direta na sociedade da qual fazem parte. Esta premissa ampliará e facilitará a inserção do estudante no mundo do trabalho, nas relações sociais e simbólicas por meio dos conhecimentos construídos coletivamente na escola.³³

O educando da EJA, nesse sentido, busca na escola subsídios para facilitar a compreensão de experiências vividas no seu dia a dia. No tocante a esse público, muitos retornam à escola depois de muitos anos sem estudar, com a intenção de permanecer no seu trabalho ou mesmo adquirir um novo emprego. Isso significa que esse educando tem o desejo de se desenvolver como ser humano. Embora necessariamente não saiba disso ao ingressar nos estudos novamente podem tornar-se, de certo modo, sujeitos críticos diante das situações diversas e da interação do espaço geográfico, como afirma Elsa Passini:

³¹ FREIRE, 1989, p. 18.

³² RESENDE, Marcia Spyer. *A geografia do aluno trabalhado: caminhos para uma prática de ensino*. São Paulo: Loyola, 2007. p. 84.

³³ FREIRE, 2009, p. 23.

O papel fundamental da escola é, ou seria desejável que fosse, a formação de cidadãos pensantes, que tenham opinião, saibam fazer escolhas e tomar decisões, saibam lutar por seus direitos e cumpram seus deveres dentro de uma sociedade.³⁴

Percebe-se, por outro lado, que a escola ainda não atende a realidade do cotidiano dos alunos, em especial a EJA, pois são pessoas que já possuem diversas experiências de vidas e querem ter na escola um suporte para acompanhar a evolução desse mundo e ampliar seus conhecimentos. Em poucas palavras, o interesse por novas descobertas. A partir deste contexto aconselha-se que o professor dessa modalidade de ensino considere os princípios da concepção libertadora da educação tão defendida por Paulo Freire, que concebe a educação como transformadora da situação de opressão, dando notícia da necessária esperança de que mudar é difícil mas é possível. Isso deve nortear as práticas político-pedagógicas.³⁵

A Geografia como componente curricular se conecta facilmente com os preceitos antes expostos, principalmente no tocante ao desenvolvimento do senso crítico-libertador do educando. Entende o jovem e o adulto como agentes de transformação da sociedade, uma vez que o foco do ensino dessa ciência constitui-se na própria sociedade, no meio e no próprio sujeito enquanto ser situado no espaço e no tempo. Sujeito esse ao mesmo tempo singular e plural, que se constitui como membro da sociedade e produtor de sua cultura. Diante dessa formulação e concepção de educação, o educando jovem e/ou adulto pode ampliar seu conhecimento e suas experiências pessoais e profissionais. Dessa forma, sua visão de mundo, valores, conceitos e habilidades possibilitam compreender-se criticamente em seu contexto existencial. Pode atuar conscientemente e de forma participativa em seu meio, colaborando assim com a melhoria da qualidade de vida comunitária e, por conseguinte, planetariamente. Assim como aborda Antônio Castrogiovanni:

Existe ainda pouca aproximação da escola com a vida, com o cotidiano dos alunos. A escola não se manifesta atraente frente ao mundo contemporâneo, pois não dá conta de explicar e textualizar as novas leituras de vida. A vida fora da escola é cheia de mistérios [...] como tendem a ser as ciências. A escola parece ser homogênea, transparente e sem brilho no

³⁴ PASSINI, Elsa Yasuko. *Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 67.

³⁵ FREIRE, 2009, p. 45s.

que se refere a tais características é urgente teorizar a vida, para que o aluno possa compreendê-la e representá-la melhor e, portanto, viver em busca de seus interesses.³⁶

O mundo vive em transformação constante. E, por isso mesmo, diante de tantos desafios que são impostos aos indivíduos, é importante que o sujeito sinta necessidade de fazer uma nova leitura de mundo. E, que por meio da reflexão crítica de sua visão de mundo, busque interagir de forma consciente na (re)construção do espaço em que vive. Assim sendo, a elaboração do planejamento das aulas de Geografia, voltada para turmas que têm como públicos jovens e adultos, deve ter como ponto de partida os conhecimentos e as vivências que esses educandos já trazem consigo. Orientá-los para os novos conhecimentos construídos “junto”, que se entendam integrantes do processo de ensino e aprendizagem. Esta postura possibilita aos mesmos uma prática social mais consciente das alteridades, participativa e crítica da realidade, num movimento de agir-refletir-agir no/com o mundo.³⁷

Dentro deste contexto, ressalta-se que, para adquirir um bom desempenho com os conhecimentos geográficos, é preciso que os conteúdos sejam selecionados de acordo com a prioridade do educando, facilitando a relação da prática e teoria. Elsa Passini trata do assunto ao afirmar que “a articulação entre conteúdo e cotidiano é uma abordagem eficaz para avançarmos das aulas tradicionais e expositivas para aulas interativas, nas quais os alunos possam participar com suas experiências e pontos de vistas.”³⁸ O educando da EJA apresenta sérias dificuldades na compreensão dos conteúdos geográficos devido a muitos anos sem estudar, trabalho pedagógico em desacordo com o contexto de sua realidade, além da falta de tempo relacionada à atenção à família e também à dedicação ao trabalho. E sem se esquecer da má qualidade de ensino que recebeu no período em que frequentou a escola. Nessa conjuntura, faz-se necessário que a metodologia e mesmo os recursos, como o livro didático, sejam diferenciados dos adotados para os alunos que estão nas séries em idade regular. Além disso, cabe ao professor constituir sua prática de metodologias que se façam adequadas a esse público, uma vez que diferentes gerações formam uma única turma.

³⁶ CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (org.). *Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano*. Porto Alegre: Mediadora, 2008. p. 15.

³⁷ FREIRE, 2009, p. 86. Ensinar exige disponibilidade para o diálogo.

³⁸ PASSINI, 2007, p. 38.

1.3 Prioridades na formação do professor de Geografia da EJA

É necessário pensar na postura do professor da Educação de Jovens e Adultos, de forma que a qualidade do ensino seja garantida. É fundamental que este profissional se identifique com essa modalidade de ensino, ou seja, estar devidamente capacitado e interessado. A formação continuada na área é de fundamental importância para o processo de ensino e aprendizagem da Geografia. Segundo Fernanda Neto, tanto para o ensino de Geografia quanto para as demais componentes curriculares o educador deve verificar se sua prática está adequada ao público a que se destina, ciente de que sempre pode melhorar as suas aulas.³⁹

O mundo globalizado vem modificando radicalmente as formas de atuar no mundo, o que exige saberes diversificados, desenvolvimentos de competências e habilidades para enfrentar os desafios impostos diariamente. Tal imperativo alterna a concepção da EJA como uma etapa a ser cumprida e impõe o pensamento voltado para a educação ao longo da vida. A educação com jovens e adultos deve oferecer oportunidade para que o aluno possa aprender com as dificuldades, sem se esquecer também da formação para o ingresso no mercado de trabalho. Também é relevante que na formação docente seja incorporado o incentivo à pesquisa, para que se desenvolva um trabalho interligado com a prática e a teoria. Isto bem afirma Nídia Pontuschka:

A perspectiva de trabalhar de forma investigativa pressupõe uma mudança de atitude perante o conhecimento. Significa ultrapassar a visão da prática pedagógica como simples transmissão de um conhecimento pronto e acabado que os alunos não possuem e implica outra concepção de educação, de acordo com a qual o conhecimento é visto à luz de seu processo de produção e apropriação como produto social de contextos históricos determinados revelando-se, portanto, algo provisório, em permanente processo de construção e reconstrução.⁴⁰

No que se refere a essa forma investigativa de trabalhar o conteúdo geográfico, o professor que dá o exemplo com a pesquisa, com a leitura e com o estudo forma educandos pesquisadores, leitores. Portanto, é imprescindível a formação continuada do educador. Para a questão da formação continuada do professor Nídia Pantuschka comenta que “o perfil desejável do professor poderá ser

³⁹ NETO, Fernanda Borges. *A geografia escolar do aluno EJA: caminhos para uma prática de ensino*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Uberlândia: UFU, 2008. p. 53.

⁴⁰ PONTUSCHKA, Nídia Nacib et al. *Para ensinar e aprender geografia*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 26.

desenvolvido pelo conhecimento da Geografia, das práticas ou metodologias de ensino e das bibliografias construídas com base em pesquisas sobre o ensino e formação docente que ora se multiplicam”.⁴¹ Perfil esse que o professor de Geografia precisa adequar à sua prática em sala de aula, especialmente em turmas da EJA, uma vez que trazem consigo uma bagagem cultural e de conhecimento de mundo extra muito rica. A ideia é possibilitar um melhor diálogo acerca das questões socioculturais, econômicas e ambientais.

Assim, ao perceber-se a importância da formação inicial e continuada do educador da EJA é necessário também entender a urgência de se dispor de mais professores dessa modalidade de ensino. E também porque a atuação do professor bem instruído na sala de aula como orientador e mediador da construção de saberes exige do mesmo capacidades de expor suas concepções e de sempre se atualizar. Essa revisão conceitual do educador possibilita a construção de novos entendimentos e novas concepções, práticas inovadoras no ensino da Geografia. Fernanda Neto entende que

O professor exerce um papel de suma importância como direcionador das atividades realizadas em sala de aula. A sua prática é que será responsável pela construção, ou não, de um conhecimento que, além de formar a educação capaz de transformar a educação e, conseqüentemente, a sociedade.⁴²

Dessa forma, o papel essencial do professor é auxiliar no processo de aprendizagem e na construção do conhecimento do educando, pois é um orientador, não aquele que ensina autoritariamente, mas aquele que dá nortes para a descoberta, que possibilita caminhos de construção de saberes inter-relacionados e diversos. Tece uma rede interdisciplinar que viabiliza ao aluno aprender de forma significativa e construtiva. Observa-se, sobretudo, que esse aprendizado é facilitado quando se leva em consideração o cotidiano e conhecimentos adquiridos pelo aluno. Além da devida contextualização da realidade do educando, a partir de um ensino e de uma aprendizagem para formar cidadãos ativos, pensantes, críticos e transformadores de sua realidade demanda do professor:

Esperança no mundo melhor, que atesta sua capacidade de luta, seu respeito às diferenças, sabe cada vez mais o valor que tem para a

⁴¹ PONTUSCHKA, 2009, p. 28.

⁴² NETO, 2008, p. 73.

modificação da realidade, a maneira consistente com que vive sua presença no mundo, de que sua experiência na escola é apenas um momento, mas um momento importante que precisa ser autenticamente vivido.⁴³

1.4 O uso da literatura no ensino da Geografia e suas possibilidades

Vivian Martins entende que a literatura no ensino da Geografia é ponto essencial. A elaboração dos conteúdos pedagógicos para a área deveria considerar os espaços e meios geográficos como construções sociais, historicamente situadas.

Parte da hipótese de que com a utilização da literatura, em geral no ensino da Geografia, crie possibilidade para que o aluno compreenda e reflita melhor sobre o seu cotidiano e o de outras sociedades em diferentes momentos históricos. O trabalho da literatura nas aulas de Geografia na EJA vai resultar em uma compreensão sobre a dinâmica da (re) construção do espaço geográfico.⁴⁴

Desta forma a abordagem a partir de várias temáticas tende a despertar no educando o interesse pelas aulas. A ênfase na realidade e no cotidiano locais facilita o entendimento geográfico através da leitura, da cultura e da arte regional por exemplo. E Vivian Martins ainda afirma:

Por meio da literatura podemos alfabetizar num sentido mais amplo: não apenas ensinar a ler escrever, mas trazer para as salas de alfabetização diferentes temas que despertem o senso crítico e, uma ação reflexiva e participativa destes alunos. Cabe salientar, que não é qualquer texto literário que possibilita uma abordagem de cotidianidade. Por isso, devemos selecionar textos que se aproximem, inicialmente, dos aspectos da realidade onde iremos atuar e, posteriormente, textos mais complexos, que abordem a vida cotidiana de outros lugares.⁴⁵

É notória a importância do uso da literatura para despertar o interesse do aluno pelos conhecimentos geográficos, não apenas para usar livros literários, mas outros recursos que facilitem a compreensão da dinâmica do espaço geográfico. Nesse ínterim, o trabalho da literatura na sala de aula deve ser no sentido de aprofundar e de possibilitar ao educando uma reflexão mais ampla do mundo. O interesse é de fazer com que se desperte o prazer pela descoberta das informações, que envolve no processo um texto literário de acordo com a explicação de Nídia Pontuschka.

⁴³ FREIRE, 2009, p. 70.

⁴⁴ MARTINS, Vivian Christine. *A didática no processo de alfabetização de jovens e adultos: uma leitura do cotidiano a partir da geografia e de textos literários*. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). São Paulo: USP, 2006. p. 9.

⁴⁵ MARTINS, 2006, p. 9.

A compreensão do texto literário torna-se possível não só pelo auxílio da teoria literária, a ser trabalhada com os alunos a fim de fornecer-lhe um instrumento, como também pela quantidade e pelo aprofundamento de informações sobre o contexto em que se dá a trama vivida pelas personagens.⁴⁶

A variedade de textos literários como subsídio para o processo de ensino-aprendizagem da Geografia na EJA é enorme. Destaca-se, por exemplo, as músicas que contêm letras diversas que retratam a realidade espacial do nosso país. Outras fontes são os recursos audiovisuais, como filmes, além de pinturas e quadros, ilustrações variadas. Estas também contribuem para a aproximação da Geografia escolar ao cotidiano do sujeito-educando. Essenciais à prática pedagógica do professor, que torna suas aulas mais atrativas, são a dinamicidade e o uso de instrumentos metodológicos relacionados ao cotidiano do aluno. Além de favorecer o interesse pela descoberta do novo e o entendimento dos fatos que ocorrem no seu dia-a-dia estas metodologias criam espaços para a construção do conhecimento em conjunto.⁴⁷

Martins também aborda em seu trabalho de pesquisa a proposta político-pedagógica de Paulo Freire. Entende que devemos partir da realidade do aluno avançando à realidade maior do Estado, do país e do mundo, por meio da prática de leitura e escrita (produção de textos) para a construção do saber.⁴⁸ A relação da arte com a Geografia é significativa, pois facilita para o educando a compreensão da relação da experiência de vida com a teoria. Então cabe ao professor elaborar metodologia que entenda a realidade da Educação de Jovens e Adultos. Esta ideia é abordada por Vivian Martins:

A educação de um modo geral, neste caso, a Educação de Jovens e Adultos, precisa ser compreendida como um processo que permita ao aluno se posicionar perante os fatos presentes em sua vida cotidiana e se reconhecer como sujeito da história. O ato de ensinar deve fazer com que o educando acredite na sua capacidade de aprender, criticar, transformar e enfrentar a sua realidade. Para que isso aconteça, precisamos reconsiderar, constantemente, as nossas estratégias didáticas, visando alternativas para tornar o ensino mais dinâmico e qualitativo.⁴⁹

O ensino da Geografia vem incorporando novas linguagens através das obras literárias que retratam as diversidades geográficas e culturais brasileiras, com o

⁴⁶ PONTUSCHKA, 2009, p. 96.

⁴⁷ PONTUSCHKA, 2009, p. 97s.

⁴⁸ MARTINS, 2006, p. 9.

⁴⁹ MARTINS, 2006, p. 10.

objetivo de despertar o prazer do educando em compreender o espaço geográfico com contos, músicas, filmes, visitações e outros. Isso facilita o entendimento com suas práticas cotidianas e o conhecimento geográfico. O uso da literatura do ensino da Geografia é fundamental para abordar o momento histórico de um determinado povo, conhecimento e a sua interação na construção do espaço geográfico.

Em suas pesquisas Vivian Martins percebe “que a visão tradicional do ensino é muito comum tanto na alfabetização como também em outros níveis escolares e em vários componentes curriculares”.⁵⁰ Em relação à Geografia escolar a autora aborda que muitos procedimentos adotados ainda são com base em exemplos de estudos dos aspectos naturais e menos como interação múltipla do ser humano com os espaços geográficos. Essa pesquisa oferece subsídios para os educadores que trabalham com alfabetização, também os da Geografia, com intuito de apontar sugestões para evitar aulas que simplesmente repassem conteúdos prontos. Como exemplo Martins, em sua proposta pedagógica, utilizou a leitura do texto da obra literária *Vida Secas*, de Graciliano Ramos. Afirma que “seu conteúdo está muito próximo da realidade e do universo vocabular dos alunos”.⁵¹ A autora percebeu que podem ser utilizadas como estratégias didáticas a fotografia, a reprodução de obra de arte, filme e também outros textos não clássicos da literatura, no sentido estrito do termo, como a literatura de cordel.

Diante das pesquisas sobre a contribuição da Geografia na EJA foi constatado que as transformações curriculares dessa modalidade de ensino no Brasil, apesar de significativas, ainda não são suficientes para atenderem as necessidades desse público. Entende-se, no entanto, que é preciso uma política pública que atenda de forma democrática esses sujeitos que buscam na educação um novo sentido para as suas vidas; que, por algum motivo, não tiveram acesso à educação escolar na idade apropriada. Observou-se ainda que o ensino da Geografia oferece subsídios na construção da cidadania, em que se ressalva a busca de jovens e adultos pela qualidade de vida em sua ocupação do espaço. As propostas têm sido dar ênfase na vida pessoal e profissional, nas realizações das próprias conquistas e, não menos importante, da autonomia. No processo analítico das dissertações e da tese que fundamentaram esse trabalho verificou-se

⁵⁰ MARTINS, 2006, p. 6.

⁵¹ MARTINS, 2006, p. 11.

inicialmente também a necessidade da utilização de novas metodologias que colaborem de forma mais significativa para o processo de ensino e aprendizagem da EJA. O que ficou evidente é necessidade de um ensino que tenha como base o cotidiano do aluno, partindo de seus conhecimentos prévios.

Outro fator relevante da pesquisa foi a verificação da necessidade de formação continuada do professor de Geografia para atender as especificidades da EJA, uma vez que esse componente curricular procura descobrir, esclarecer, abarcar e compreender o sujeito e o meio no qual está inserido. De tal maneira que seja incentivada uma interação mútua entre o sujeito e seu espaço/meio.

2 UMA ABORDAGEM DO CURRÍCULO E DO COTIDIANO GEOGRÁFICO PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Este capítulo apresenta uma reflexão acerca da proposta curricular que o MEC traz para a Educação de Jovens e Adultos, mais especificamente sobre o papel do currículo escolar geográfico, que está associado com a prática docente e a realidade vivida pelo aluno. Consideram-se materiais didáticos os livros e manuais que são utilizados para programas da Educação de Jovens e Adultos do Governo Federal.

A proposta curricular da EJA procura desempenhar três funções: reparadora, equalizadora e qualificadora. Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA essas funções caracterizam-se como:

Função reparadora: não se refere apenas à entrada dos jovens e adultos no âmbito dos direitos civis, pela restauração de um direito a eles negado – o direito a uma escola de qualidade –, mas também ao reconhecimento da igualdade ontológica de todo e qualquer ser humano de ter acesso a um bem real, social e simbolicamente importante. Mas não se pode confundir a noção de reparação com a de suprimento. Para tanto, é indispensável um modelo educacional que crie situações pedagógicas satisfatórias para atender às necessidades de aprendizagem específicas de alunos jovens e adultos.

Função equalizadora: relaciona-se à igualdade de oportunidades, que possibilite oferecer aos indivíduos novas inserções no mundo do trabalho, na vida social, nos espaços da estética e nos canais de participação. A equidade é a forma pela qual os bens sociais são distribuídos tendo em vista maior igualdade, dentro de situações específicas. Nessa linha, a EJA representa uma possibilidade de efetivar um caminho de desenvolvimento a todas as pessoas, de todas as idades, permitindo que jovens e adultos atualizem seus conhecimentos, mostrem habilidades, troquem experiências e tenham acesso a novas formas de trabalho e cultura.

Função qualificadora: refere-se à educação permanente, com base no caráter incompleto do ser humano, cujo potencial de desenvolvimento e de adequação pode se atualizar em quadros escolares ou não-escolares. Mais que uma função, é o próprio sentido da Educação de Jovens e Adultos.⁵²

A organização do programa nas três funções deve-se ao fato de que os educandos jovens e adultos foram privados, de certa forma, da educação escolar na idade adequada. Por isso mesmo, o processo de ensino-aprendizagem desse público-alvo deve dar-se de forma a construir uma aproximação do aprendizado de cada aluno. A proposta é garantir mais oportunidades de conhecimento além de

⁵² BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Proposta curricular para a educação de jovens e adultos: segundo segmento do ensino fundamental: 5ª a 8ª série*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 2002a. v. 1. p. 18 (Grifo do autor).

buscar a qualificação profissional dos mesmos. Isso ocorre conforme apresenta a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, art. 22: “a Educação Básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e oferecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”.⁵³

Há ainda de se convir que outro aspecto que carece de ser abordado é a necessidade da equipe escolar, não apenas o professor, de buscar programar práticas e métodos de um processo de ensino-aprendizagem que considere a identidade do educando da EJA, como sujeito de sua cidadania e do seu papel na sociedade. Considerar ainda estes como trabalhadores inseridos na população economicamente ativa (PEA) e também os não ativos, essenciais ao desenvolvimento socioeconômico e cultural da sociedade. Além do mais é de fundamental relevância considerar também nesse processo de educação formal as vivências do educando em uma sociedade da informação, do conhecimento. Isso tanto no que se refere a fatores sociais como com o mundo do trabalho, muitas vezes excludente.

A proposta da Geografia apresenta-se como ciência que tem como finalidade principal estudar e buscar compreender as relações existentes entre o ser humano e o planeta Terra, assim como na relação dos sujeitos entre si, por meio das interações sociais, histórico-culturais e ambientais. Neste contexto, a proposta curricular para a EJA para o segmento do Ensino Fundamental apresenta objetivos interligados com os conhecimentos sobre estudos da sociedade e natureza, fundamentados no cotidiano do mundo moderno. No que diz respeito aos objetivos apresentados nos documentos institucionais que servem como parâmetro (um guia) aos educadores de turmas da EJA, os educandos jovens e adultos, em concomitância aos seus conhecimentos prévios, precisam desenvolver competências e habilidades que visem: a) problematizar fatos observados cotidianamente, interessando-se pela busca de explicações e pela ampliação de sua visão de mundo; b) reconhecer e valorizar seu próprio saber sobre o meio natural e social, interessando-se por enriquecê-lo e compartilhá-lo; c) conhecer aspectos históricos da organização política do Brasil, os direitos e deveres do cidadão,

⁵³ BRASIL, 1996, art. 22.

identificando formas de consolidar e aprofundar a democracia no país; d) interessar-se pelo debate de ideias e pela fundamentação de seus argumentos entre outros.⁵⁴

A preocupação apresentada por esta proposta curricular da EJA no 1º segmento (ensino fundamental) é abordar de forma a trabalhar com os conhecimentos prévios do educando na construção de sua história de vida, considerando sua identidade sociocultural e profissional, como está explícito nesse documento proposto pelo MEC:

Na recuperação das histórias de vida dos alunos, tem papel importante a valorização das tradições culturais e do saber prático que os educando detêm. Adquiridos na vivência familiar, comunitária ou profissional, esses saberes são de extrema importância para os alunos como meio físico e social. Eles não podem, portanto, ser ignorados ou desqualificados frente aos conhecimentos transmitidos pela escola. O desafio que se apresenta ao professor é o de estabelecer conexões entre esses dois universos de conhecimento, permitindo que o aluno amplie suas possibilidades de atuação, fortalecendo sua autoconfiança.⁵⁵

Entretanto, o processo de ensino-aprendizagem da Geografia em turmas de jovens e adultos precisa apresentar de forma cuidadosa a relação entre homem e natureza/ambiente. É importante acentuar que a ideia de que tudo é possível e permitido em nome do progresso e de que a natureza está a serviço do homem precisa ser abordada criticamente. O que se pretende é levar à reflexão sobre o paradigma moderno de exploração ininterrupta dos recursos naturais. O ensino da Geografia pode promover novas relações ecológicas que superem a visão exploratória da natureza, presente na mentalidade moderna, inclusive nos educandos da EJA.

Diante dessa conjuntura, cabe ao professor de Geografia incentivar, por meio da sua prática pedagógica, formas de compreensão da relação ser humano-natureza. Fazer perceber que o ser humano é responsável tanto pela construção como pela destruição (degradação) e mesmo a reconstrução histórica do espaço geográfico. Cabe ainda buscar o desenvolvimento de uma concepção de que a degradação do meio ambiente decorre da visão capitalista de utilização ilimitada dos recursos naturais, bem como no desenvolvimento de atividades econômicas no

⁵⁴ BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Proposta curricular para a educação de jovens e adultos: primeiro segmento do ensino fundamental: 1ª a 4ª série*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 2001. p. 172.

⁵⁵ BRASIL, 2001, p. 175.

campo e da urbanização de maneira desorganizada e predatória. Como isso, os educandos podem se sentir como sujeitos e agentes, capazes de transformar a realidade e o meio onde estão inseridos. Além de identificar os impactos do modo de produção capitalista e do mercado de trabalho globalizado e suas relações tanto a nível local como mundial.

Desse modo, o educador deve possuir uma concepção da Geografia como apresenta as diretrizes curriculares para a Educação de Jovens e Adultos:

Não basta ao professor dominar o conhecimento geográfico para desempenhar seu papel em sala de aula. Ao selecionar os conceitos e categorias de análise geográfica que serão objeto de ensino e pesquisa nas diferentes séries da Educação de Jovens e Adultos (EJA), o professor precisa ter clareza sobre como e para que ensinar Geografia. E precisa da competência para agir com eficácia pedagógica tanto na perspectiva do ensino como na da aprendizagem de cada aluno, respeitando as diferenças sociais, culturais e políticas do grupo de jovens e alunos de sua turma. Trata-se de uma competência que exige do professor conhecimentos da história do pensamento geográfico e de suas contradições, assim como de história da educação, de psicologia da aprendizagem, das metodologias de ensino, linguagens e métodos a serem utilizados em sala de aula.⁵⁶

Sendo assim, o professor de Geografia deve se preocupar em compor um planejamento capaz de atingir o público jovem e adulto, respeitando-os em suas especificidades. Dessa maneira os conhecimentos prévios sejam compartilhados e auxiliem na construção dos novos conhecimentos geográficos que se constituirão por meio da discussão em sala de aula e na comunhão das vivências e experiências. Dentro desse panorama não só o professor de Geografia, mas também toda a equipe escolar precisa acolher o educando jovem e adulto, dispensando-lhe uma atenção especial em suas características específicas. Consideram-se ainda as relações ocorridas no ambiente escolar reforcem sua atuação no mundo do trabalho, bem como nas relações interpessoais na sociedade em contexto maior e em contexto local.⁵⁷

No que se referem às particularidades dos educandos da EJA, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Geografia para o segundo segmento do ensino fundamental (quinta a oitava série) trazem a necessidade de articulação do conhecimento prévio do educando jovem ou adulto, uma vez que

⁵⁶ BRASIL, 2002b, p. 183 (Grifo do autor).

⁵⁷ MARTNS, 2006, p. 6.

Os conhecimentos prévios dos jovens e adultos contribuirão na análise, na ampliação, na sistematização e na síntese de conteúdos – o que permite construir e reconstruir noções e conceitos da Geografia aplicando-os na leitura do lugar em que vivem, refletindo sobre ele, relacionando e comparando o espaço local, o espaço brasileiro e o espaço mundial. Isto permite, ainda, que a escola se ajuste às demandas sociais atuais.⁵⁸

É preciso ainda que o professor tenha em mente que o conteúdo da Geografia não deve ser apresentado de forma fragmentada. Como assevera Diamantino Pereira: “quando se observa a paisagem de forma disciplinar, ou seja, a partir dos diversos ramos em que o conhecimento científico se dividiu, devemos ter claro que a fragmentação é produto de nosso olhar e não da própria realidade”.⁵⁹

Valoriza-se a escolha cuidadosa do conteúdo a ser trabalhado. Assunto esse que se destaca nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA:

O instrumento mais adequado para despertar os alunos para refletirem sobre temas significativos, relacionando-os com os diferentes conhecimentos já produzidos na Geografia, com outras áreas e com os temas transversais, é o projeto pedagógico. Nele o professor estabelece a dinâmica e seleciona os diferentes recursos e meios a serem utilizados para que a reflexão se concretize. Mais adequado ainda será esse projeto político-pedagógico se for elaborado em conjunto pela equipe escolar, que compartilhará as diferentes ações e intervenções em uma reflexão constante sobre o entorno e sobre o espaço geográfico delimitado como objeto de estudo, ao organizar, sistematizar e compreender as informações, não sendo apenas um reproduzidor de conhecimentos.⁶⁰

A escolha dos conteúdos deve ser em conformidade a temas significativos relacionados à realidade geográfica do aluno. Temas como a identidade, a relação da cidadania com a cultura, a leitura, as atitudes de não violência, a proteção ambiental, o tratamento de esgoto e a falta dele, a organização dos espaços urbanos... Os conteúdos precisam ter como viés de aprendizagem questões de saúde e qualidade de vida, do meio ambiente, do mundo do trabalho, dentre elas o consumo, da globalização e novas tecnologias. Uma vez que se deve privilegiar a vivência dos educandos jovens e adultos, de maneira a orientar para a construção do seu conhecimento criticamente a respeito do espaço geográfico, bem como das relações nele existentes.

⁵⁸ BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Proposta curricular para a educação de jovens e adultos: segundo segmento do ensino fundamental: 5ª a 8ª série: geografia*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 2002b. (v. 1). p. 183.

⁵⁹ PEREIRA, Diamantino. Paisagens, lugares e espaços: a geografia no ensino básico. *Boletim Paulista de Geografia*. São Paulo: AGB/SP, n. 79, p. 9-2, jul. 2003.

⁶⁰ BRASIL, 2002b, p. 193-194.

Cabe ao professor de Geografia ainda utilizar uma metodologia de trabalho que proporcione o desenvolvimento das capacidades dos educandos jovens e adultos. Pode-se enumerar também que é tarefa observar, analisar, conhecer e reconhecer, elucidar, comparar, confrontar e representar as particularidades dos mais variados espaços geográficos e as características das intervenções humanas nestes espaços. Fernanda Neto ainda entende que a Proposta Curricular da Geografia para EJA, destinada às séries do Ensino Fundamental é um material que tem várias informações que podem dá suporte na elaboração de projetos pedagógicos, porém também acredita que muito profissionais a desconheçam.⁶¹ A autora destaca na análise que faz da proposta curricular de Geografia para EJA os conceitos e as categorias geográficas: escolas, mobilidades, socioespacial, paisagem, lugar e outros. Fala da importância de conhecê-los para uma melhor compreensão da diversidade de abordagens e conteúdos da Geografia.

Desta forma, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), entende-se que “[...] a Geografia estuda as relações entre o processo histórico que regula as formações das sociedades humanas e o funcionamento da natureza, por meio da leitura do espaço geográfico e da paisagem”.⁶² É interessante que a proposta curricular se encontra vinculada com as dinâmicas que acontecem no espaço geográfico. Ou seja, o currículo significa uma representação do real, que se aproxima das experiências cotidianas, que atenda a realidade social e econômica de um determinado lugar, como afirma Valdo Barcelos:

O currículo não é, entretanto, como supõe a concepção realista, um local de transmissão do conhecimento concebido como mera revelação ou transcrição do “real”. O currículo, tal como a linguagem, não é um meio de transporte, que se limita a servir de passagem para um “real” que o conhecimento torna presente. O currículo é também representação.⁶³

O papel da escola é o de transmitir um conhecimento sistematizado, possibilitando assim o acesso ao saber e contribuindo para o pleno desenvolvimento

⁶¹ NETO, 2008, p. 58 e 61.

⁶² BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: história e Geografia*. Brasília: MEC/SEF, 1997. p. 74. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro052.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2013.

⁶³ BARCELOS, Valdo. Educação de jovens e adultos – sobre currículos e práticas pedagógicas numa perspectiva intercultural. p. 6. Disponível em: <http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2010/Educacao_de_Jovens_e_Adultos/Trabalho/07_08_07_EDUCACAO_DE_JOVENS_E_ADULTOS_sobre_curriculos_e_praticas_pedagogicas_numa_perspectiva_intercultural.PDF>. Acesso em: 12 mai. 2013.

do educando. Além de prepará-lo para a cidadania e o qualificar para o trabalho. Com isso busca os saberes no diálogo com os conhecimentos e suas experiências cotidianas. O currículo, nesse sentido, deve ser estruturado conforme o papel da escola na sociedade do conhecimento, cujas informações são transmitidas de forma rápida; uma vez que a escola é incentivada a responder às novas exigências estabelecidas pela modernidade, como a incorporação dos avanços oriundos das novas tecnologias. Essa relação do currículo escolar com as questões da sociedade do conhecimento propicia o desenvolvimento do ser humano, considerando que o conhecimento se constroi em rede. Essa construção do conhecimento em rede combina com os pilares da educação (aprender a conhecer, a fazer, a ser e a conviver). Dessa maneira, é proporcionada ao educando jovem e adulto a possibilidade de (re)pensar o seu papel na sociedade. Por meio dessa reflexão posicionar-se de forma ética perante o mundo em todos os âmbitos.⁶⁴

Pensando a respeito da estrutura do currículo escolar Fernanda Neto menciona que “a instituição de um currículo escolar mínimo, que compreenda as reais necessidades desses alunos é, a nosso ver, primordial para o bom andamento dos trabalhos”.⁶⁵ No mesmo propósito Antonio Flávio Moreira e Tomaz Tadeu da Silva abordam essa problemática quando afirmam que:

O currículo não é o veículo de algo a ser transmitido e passivamente absorvido, mas o terreno em que ativamente se criará e produzirá cultura. O currículo é, assim, um terreno de produção e de política cultural, no qual os materiais existentes funcionam como matéria-prima de criação, recriação e, sobretudo, de contestação e transgressão.⁶⁶

Por intermédio do currículo são realizadas as funções escolares da instituição formadora. Porém, o que se tem percebido é que na maioria das vezes os professores atuam sem ter a plena consciência da importância do currículo para a ação pedagógica e a formação do educando. São os professores que podem, ante a suas escolhas, dar ao currículo vida e significado no cotidiano escolar. Tal postura auxilia a moldar a prática no fazer pedagógico. Contudo, o currículo não pode ser considerado apenas como uma simples relação de conteúdos a serem trabalhados em um curso ou série, na sala de aula. Ele vai além. É um documento balizador, que

⁶⁴ NETO, 2008, p. 41.

⁶⁵ NETO, 2008, p. 42.

⁶⁶ MOREIRA, Antonio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu da. *Currículo, cultura e sociedade*. São Paulo: Cortez, 1995. p. 28.

constrói identidades específicas, como no caso da EJA, que possui especificidades distintas da educação básica infantil.

Com isso pode-se fazer uma pequena digressão para o significado de currículo. O termo currículo deriva-se da palavra latina *scurrere* e refere-se à corrida, curso. As definições iniciais de currículo definiram-no como curso a ser seguido, uma sequência linear para operacionalizar o aprendizado. Entretanto, anterior à sua conceituação, o currículo sempre existiu. Desde o momento em que um professor ensinava algo a seus alunos, o currículo e seus elementos (conteúdo, avaliação, relações, conhecimento) estavam ali presentes.⁶⁷

No que se refere à questão do currículo na escola e a sua relação com a sociedade percebe-se que

As indagações sobre o currículo presentes nas escolas e na teoria pedagógica mostram um primeiro significado: a consciência de que os currículos não são conteúdos prontos a serem passados aos alunos. São uma construção e seleção de conhecimentos e práticas produzidas em contextos concretos e em dinâmicas sociais, políticas e culturais, intelectuais e pedagógicas. Conhecimentos e práticas expostos às novas dinâmicas e reinterpretados em cada contexto histórico. As indagações revelam que há entendimento de que os currículos são orientados pela dinâmica da sociedade. Cabe a nós, como profissionais da Educação, encontrar respostas.⁶⁸

O currículo, nessa conjuntura, torna-se um instrumento poderoso, que ganha significado em sala de aula, nos espaços escolares de construção do saber e formação do sujeito integral. Exige, assim, um (re)pensar, sem perder de vista a ideia de que o currículo, em certa medida, influencia a concepção e a prática curricular do professor. É significativo para o desenvolvimento do trabalho da EJA que os saberes que um currículo contém sejam articulados de acordo com as práticas das aulas, seleção de conteúdo e a integração entre educando e educador. Fernanda Neto afirma “que a estruturação dos conteúdos escolares é fundamental que os alunos dominem um conjunto de noções e conceitos necessários para desvendarem geograficamente a realidade”.⁶⁹

Entretanto, isso não é o suficiente. Cabe ao professor organizar e selecionar os recursos ou estratégias de ensino que permitam aos alunos fazerem a leitura de

⁶⁷ GOMES, Nilma Lino (Org.). *Indagações sobre currículo: diversidade e currículo*. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, 2007. p. 8.

⁶⁸ GOMES, 2007, p. 9.

⁶⁹ NETO, 2008, p. 58.

mundo e as contradições nele presentes; ampliando suas noções, construindo e reconstruindo conceitos.

É fundamental que o currículo ofereça subsídios para questionamentos, visando uma postura crítica do ensino de Geografia. Isto para que os professores reflitam sobre a importância desse componente curricular para o desenvolvimento cognitivo do educando da EJA. Ou ainda que incentive o resgate dos valores entre as pessoas, as relações sociais na sua localidade e no mundo contemporâneo. Como bem afirma Nídia Pontuschka

A discussão contemporânea sobre conteúdos de ensino beneficia-se das reflexões, debates e produções sobre currículos escolares e sobre os condicionantes históricos, políticos, econômicos, sociais, culturais e educacionais em sua elaboração e adoção. Além de permitir a compreensão da relação sociedade-cultura-curriculo-práticas escolares e dos programas de ensino das disciplinas no passado, fundamenta melhor à análise dos currículos e programas de ensino atuais.⁷⁰

O currículo da Geografia da EJA deve, dessa maneira, constituir-se como inovador para acompanhar as transformações que são inevitáveis no cotidiano de cada pessoa e da sociedade como um todo. A reconstrução do currículo da EJA é perpassada tanto pelo contexto do educando quanto pela formação continuada do educador. Tudo isso para possibilitar um bom desenvolvimento do processo de aprendizagem. É essa relação do currículo com a cultura e a sociedade que deve constituir as práticas escolares. E mais especificamente no processo de ensino e aprendizagem da Geografia. Isso se deve ao fato de esses sujeitos já serem cidadãos ativos na sociedade. No meio escolar, a Geografia, como componente curricular, colabora para a formação do educando, ao passo que se muni de uma coleção de saberes dos quais os sujeitos se utilizam para embasamento teórico e prático da compreensão de espaço geográfico. As “novas descobertas” Superam a ideia de que o conteúdo geográfico seja apenas depositado no educando, não gerando mudança alguma em sua postura perante o mundo e a sociedade como um todo.

É de se notar que a cada momento o ser humano está diante de novas descobertas. O mundo atual exige mais dinamismo para compreensão das informações. Por isso é interessante que os conteúdos sejam articulados para

⁷⁰ PONTUSCHKA, 2009, p. 61.

desenvolver suas habilidades e o pensar crítico do educando diante das experiências vividas, como expõe Elsa Passini:

A escolha do conteúdo para ensinar Geografia deve ser feita pensando na responsabilidade da formação do cidadão que precisa entender o mundo. A forma, a transposição didática, utiliza o conhecimento construído e as ferramentas da inteligência de que o aluno dispõe para que ele avance do conhecimento menor para um conhecimento maior. Não é simples como ler uma bula de remédio e aplicar a dosagem por faixa etária. Precisamos entender os mecanismos de construção de conhecimento para o tema a ser trabalhado: quais conceitos e habilidades serão estruturantes para que o aluno consiga passar do conhecimento empírico para o conhecimento científico.⁷¹

Desta forma, a seleção de conteúdos e sua aplicação focada na construção da cidadania possibilitará uma aprendizagem significativa. O educando desenvolverá assim suas próprias habilidades na formação do seu conhecimento científico. Vale ressaltar ainda que a escolha dos conteúdos de Geografia para a EJA precisa atender à complexidade da modernidade, bem como a prática integral da cidadania. É necessário também que o acesso às informações seja assegurado, de modo que as empreguem no seu dia-a-dia, auxiliando esse sujeito no desenvolvimento de seu desempenho como ator-social.

O desenvolvimento desses conhecimentos e saberes geográficos, no processo de ensino e aprendizagem em turmas da EJA, propicia uma melhora no que se refere à conexão entre o educando e seu ambiente. Diante disso, é possível afirmar que os conteúdos do componente curricular da Geografia para a EJA deve aproximar a vivência do aluno ao saber geográfico sistematizado, de modo que seja possível a ele interpretar as inter-relações entre homem/sociedade e natureza/mundo, seja a nível local ou global. Sendo assim, esses conteúdos devem propiciar aos alunos um melhor conhecimento de suas vivências para que se compreendam melhor as abordagens geográficas.

2.1 O uso do livro didático no contexto da EJA

Há muitos anos o livro didático tem tido um papel proeminente no contexto escolar para os vários componentes curriculares ou disciplinas do ensino fundamental regular, inclusive o da Geografia. Embora o livro didático apresente

⁷¹ PASSINI, 2008, p.38.

valiosos instrumentos para a formação do educando, a forma como o educador aborda tais conceitos é de fundamental relevância no estabelecimento de um processo de ensino e aprendizagem. Assevera-se como a maneira que o educador aborda as temáticas pode simplesmente manter o sistema de educação bancária vigente ou despertar o apreço crítico nos alunos.

Além disso, muitos educadores veem o livro didático de Geografia como um instrumento, um recurso para a organização de suas aulas. Contudo, ele não pode ser a receita, pois senão o professor se perde, caso não esteja a mão. Ele é auxílio e não manual que bitola a ação pedagógica. Como dizem Sônia Castellar e Jerusa Vilhena:

A possibilidade de trabalhar o livro didático relacionado com a vida cotidiana é essencial. Um dos problemas recorrentes nas aulas é a ineficácia da utilização do livro na medida em que apenas se memoriza o que está escrito e não se analisam os dados e as informações presentes nos textos didáticos, não criando também outras possibilidades de ampliar o conhecimento escolar.⁷²

O livro didático é um instrumento pedagógico utilizado nas aulas de Geografia, além dos materiais cartográficos. No entanto, é um recurso que, para ser significativo na construção do conhecimento do educando, precisa apresentar conteúdos a partir do contexto em que se desenvolve. Dessa maneira, por se tratar de um público diferente das crianças e dos adolescentes em idade regular na escola, o livro didático voltado para a EJA deve atender às especificidades desses educandos, que já trazem uma leitura de mundo, vivências e experiências de vida mais amplas que a do aluno infantil ou adolescente.

Quanto à escolha do livro didático de Geografia, principalmente para a EJA, vale salientar que, apesar de auxiliar o professor no processo educativo para jovens e adultos, faz-se necessário, conforme as ideias presentes na proposta curricular para a EJA, “estabelecer as relações do entorno com outros lugares e territórios e, se necessário, selecionar e organizar outros conteúdos, indo além das propostas do livro didático”.⁷³

⁷² CASTELLAR, Sônia; VILHENA, Jerusa. *Ensino de geografia*. São Paulo: Cengage Learning, 2010. p. 139.

⁷³ BRASIL, 2002b, p. 214.

Na maioria das vezes essa realidade é ofuscada, distanciando-se das experiências desse educando, como afirma Fernanda Neto:

O educando adulto é um trabalhador, não é uma criança, está no mercado de trabalho, ou aspira a ele, e tendo que se preparar para nele se inserir, portanto, os conteúdos a serem ministrados na escola deveriam estar referenciados tanto à experiência devida do adulto trabalhador como dos conteúdos formais que explicavam essa realidade refletida por ele.⁷⁴

Há de contemplar nesses livros a identidade de aluno-trabalhador de maneira que o conteúdo presente nele, bem como a linguagem esteja adequada a esse público. Cabe ao professor, então, ser o mediador das discussões dos temas e conhecimentos trazidos pelo livro didático voltado para a EJA. Nesse sentido, torna-se importante que o professor utilize o livro didático como elemento de intermediações nos processos de ensino-aprendizagem, usando a pesquisa em várias obras. Isto para que possa analisar de forma crítica e facilitar a compreensão da leitura de mundo. José Vesentini entende:

Um orientador que auxilia o diálogo do aluno com a realidade e, ao mesmo tempo, como o saber corporificado em obras culturais. Não há então a necessidade de supervalorizar conceitos, de estruturar o saber num sistema fechado e onde não há lugar para o novo, para a indeterminação; pelo contrário, deve-se enfatizar a produção de saber na prática educativa, a criatividade na observação do real, na interpretação crítica de textos.⁷⁵

É essencial que os livros didáticos da EJA sejam elaborados de acordo com o currículo escolar de Geografia, dando ênfase à construção do conhecimento geográfico e sua interpretação do mundo, que aborde conteúdo contextualizado com as vivências do aluno, como afirma Fernanda Neto:

A seleção dos conteúdos deve ser realizada na perspectiva de compreensão do espaço como resultado de diversas ações e interações sociais, de forma a garantir a elaboração de saber geográfico que integre natureza no mesmo campo de interações.⁷⁶

A autora aborda a necessidade da seleção dos conteúdos didáticos geográficos voltados para o desenvolvimento crítico e uma compreensão do cidadão atuante no espaço em que vive. Tais questões contribuem para que o educando

⁷⁴ NETO, 2008, p. 60.

⁷⁵ VESENTINI, José William. A questão do livro didático no ensino da Geografia. In: VESENTINI, José William (Org.). *Geografia e ensino: textos críticos*. Campinas: Papyrus, 2007. p. 173.

⁷⁶ NETO, 2008, p. 63.

possa desenvolver habilidades necessárias à relação desses com o mundo, como observar, descrever, analisar, orientar-se, argumentar. A ideia é que reconheçam seu papel de cidadania, adquirindo novas posturas conscientes perante o mundo do trabalho, especialmente, quanto às formas de produção e de consumo.⁷⁷

O papel do professor também é fundamental na aplicação desses conteúdos na sala de aula, pois não deve obter o livro didático como um guia completo a ser seguido. Cabe ao educador analisar o que deve e como trabalhar em prol da construção do saber sistematizado do aluno.

O professor deve utilizar do livro didático aquilo que considera mais adequado, complementando com outros recursos explorando diferentes linguagens, realizando atividades como o estudo do meio, orientando pesquisas de acordo com os conteúdos conceituais, procedimentos e atitudinais.⁷⁸

Por se tratar de alunos caracterizados com experiências diversificadas, o livro didático deve apresentar uma linguagem adequada para este público para estabelecer pontes entre o conteúdo e a vida prática, os desafios do cotidiano. O livro didático de Geografia deve fomentar o saber como busca do conhecimento e uma metodologia de ensino com intuito de promover um elo entre o saber geográfico e o cotidiano do educando. Em relação a essa problemática Fernanda Neto explica que:

O livro didático é uma ferramenta fundamental na promoção de um ensino de qualidade, podendo inclusive influenciar na permanência dos educando face aos elevados índices de evasão. Nesse caso, a ausência do livro didático, alvo de muitas críticas, prejudica o processo de ensino e aprendizagem.⁷⁹

Fernanda Neto também defende que após um dia inteiro de trabalho, muitas vezes exaustivo de trabalho, o aluno da EJA tem, no mínimo, o direito a um livro didático de qualidade, especialmente elaborando de acordo com suas especificidades.⁸⁰ A contextualização do livro didático deve abordar realidades da vida social, nos fatos do cotidiano e na vivência do aluno. Isso porque o aluno está inserido em um meio social exposto diariamente a vários tipos de informações. Por

⁷⁷ NETO, 2008, p. 64s.

⁷⁸ NETO, 2008, p. 70.

⁷⁹ NETO, 2008, p. 43.

⁸⁰ NETO, 2008, p. 44.

isso o currículo deve justamente fazer ponte com a metodologia e o cotidiano do aluno.

2.2 Uma abordagem reflexiva sobre os materiais didáticos do ProJovem e Cadernos da EJA

A partir da análise das pesquisas sobre os materiais do ProJovem (Programa Nacional de Inclusão de Jovens) e os Cadernos da EJA, realizada por Santos, com intenção de investigar de que forma a seleção de conteúdos de Geografia se pode perceber como se articulam os pressupostos e o objetivos dos programas.⁸¹

Para Enio Santos, a coleção do ProJovem, ao indicar o foco na juventude como eixo articulador a temas contemporâneos como cidade, trabalho, comunicação e outros, almeja atender de forma específica as necessidades e possibilidades de ensino ao público jovem. Já ao que se refere à Geografia tanto os conteúdos quanto as atividades apresentadas atendem na medida do possível a valorização das experiências dos jovens.⁸² Informa que o relativo sucesso do ProJovem pode se explicar pela opção em curso de formação escolar integrada à qualificação profissional e formação para a cidadania. Já a coleção *Cadernos da EJA*, por se constituir na principal referência para essa modalidade de ensino fundamental em termos de material didático, deveria reposicionar seus princípios com base em uma articulação maior entre ensino na sala de aula e os contextos. O autor explica que, para despertar o senso crítico do aluno trabalhador de forma que possa assumir com compromisso suas atividades em seu cotidiano com sua família e sociedade onde está inserido, é preciso que haja articulação entre a dinâmica social e a uma reflexão sobre o espaço geográfico.⁸³

Em relação aos cadernos da EJA, Enio Santos explica que possuem outro caráter e forma de organização, e por isso se apresentam com grande potencial no que diz respeito à especificidade do aluno trabalhador. O autor aborda também a proposta curricular que parte de temas contemporâneos articulados com o tema do trabalho. Explica que os cadernos da EJA desenvolvem os conhecimentos escolares de Geografia a partir de uma perspectiva crítica e dialógica com o mundo adulto de

⁸¹ SANTOS, 2008, p. 323.

⁸² SANTOS, 2008, p. 316.

⁸³ SANTOS, 2008, p. 318.

trabalhador ou de alguém em busca de posto de trabalho. Nessa direção, o autor alerta para a questão do objeto de estudo geográfico, que, em muitas atividades didáticas, fica confuso em meio à discussão de temáticas correlatas. Essa busca de uma especificidade implica que, enquanto a Geografia dos cadernos da EJA privilegia temáticas relacionadas ao mundo do trabalho, se perde, por vezes, o foco no estudo da relação sociedade-espço geográfico.⁸⁴

Enio Santos diagnosticou em sua pesquisa que ambas as coleções se aproximam no que se refere às especificidades dos educandos jovens e adultos, elas se afastam no que se refere às matrizes teóricas em referência na Geografia. Expõe que o ProJovem opta por uma abordagem conceitual que se aproxima com a corrente fenomenológica da análise espacial. Observou-se que a Geografia escolar da EJA, veiculada ao progresso, apresenta muitas atividades que estimulam o levantamento das percepções dos alunos acerca de seus espaços vividos, mas que não se preocupa em problematizá-las.⁸⁵

Outra questão que Enio Santos comenta é sobre os cadernos da EJA, no que se refere à proposta que pretende dar suporte ao trabalho pedagógico dos cursos e programas de escolarização de jovens e adultos. Enio Santos entende que não se deve esquecer nas discussões e atividades didáticas a dura realidade que a maior parte das escolas da EJA enfrenta cotidianamente.⁸⁶ A falta de estrutura adequada e a falta de recursos entre outras dificuldades são apontadas pelo autor.

Enio Santos ainda explica que não é em função dos eixos temáticos ou pela intertextualidade como princípio pedagógico, e também não é em virtude de escolha por um viés flexível e não prescritivo da organização curricular que as deficiências no ensino da EJA se justificam. Então Enio Santos aborda que essa compreensão se dá devido à ausência de textos informativos das componentes curriculares ou mesmo de caráter interdisciplinar. Estes poderiam exercer o papel tanto de complementação didática das temáticas desenvolvidas quanto de informação e atualização para o professor acerca do conhecimento que está sendo exposto.⁸⁷ O autor considera que, apesar das dificuldades que a modalidade da EJA encontra

⁸⁴ SANTOS, 2008, p. 317.

⁸⁵ SANTOS, 2008, p. 318.

⁸⁶ SANTOS, 2008, p. 320.

⁸⁷ SANTOS, 2008, p. 321.

com o surgimento dessas novas coleções de diretrizes didáticas, elas podem servir de sugestões para a criação a novos instrumentos pedagógicos.⁸⁸

Desta forma, os programas da EJA tem o objetivo de fortalecer o vínculo do educando com a escola, a qual retorna com novas perspectivas de adquirir através dos estudos uma qualidade de vida, sua identidade pessoal e cultural. Outro fato significativo para o sucesso da Educação de Jovens e Adultos que foi observado foram os conteúdos dos livros didáticos que devem estar adequados ao nível de ensino desse público. É relevante ainda que o livro didático seja complementado com outros recursos para contribuir para enriquecimento das aulas para que os alunos se identifiquem e relacionem com suas experiências de vida.

⁸⁸ SANTOS, 2008, p. 322.

3 O TRABALHADOR NA EJA E O ENSINO DA GEOGRAFIA

Este capítulo trata das abordagens sobre a realidade do jovem e do adulto trabalhador e a influência do ensino de Geografia na sua formação na EJA. Trata também das implicações de novos fenômenos relacionados à globalização na qualidade de vida deste educando trabalhador. Destaca-se a multiplicidade e a rapidez das informações, a necessidade de formação para entrar e permanecer no mercado de trabalho, entre outros.

O trabalho é importante para o desenvolvimento da humanidade, uma vez que por meio da ação individual e coletiva se constroi o espaço geográfico. As ações praticadas são compreendidas no próprio espaço social em que acontecem, como assevera Ruy Moreira:

O trabalho é o nome ontológico que damos para a relação homem-meio do geógrafo e que em Geografia dá-se como um plano localizado e coabitado na superfície terrestre. É uma relação metabólica, uma troca de forças entre o homem e a natureza que se faz entre homens num lugar da superfície terrestre e num momento do tempo. Então é uma relação de corpo, relação integral e interativa, com outros corpos, uma relação homem-meio-homem. E assim, uma sociabilidade.⁸⁹

O autor expõe que o ser humano está interligado com a natureza e seu trabalho é a mediação da Natureza com a Sociedade, que por sua vez produz o espaço. O que torna essa uma relação essencialmente de sociabilidade. Nesse contexto Ruy Moreira ainda ressalta que “é preciso que a relação homem-meio-homem se realize como um processo de hominização do homem pelo metabolismo do trabalho e assim o estar complete a necessária integralidade do ser”.⁹⁰ Com isso, é possível notar a importância da relação de sociabilidade que o trabalho proporciona aos sujeitos. A sociedade, por sua vez, é onde se organiza coletivamente a relação do homem com o espaço geográfico.

No entanto, apesar da grande maioria ser constituída de alunos trabalhadores, a EJA apresenta ainda um público com características bastante diferenciadas. Essa parece ser a grande característica dos alunos da EJA. Dentro desta problemática Enio Santos salienta que

⁸⁹ MOREIRA, Ruy. *Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 157.

⁹⁰ MOREIRA, 2011, p. 157.

Para além dos Jovens e Adultos trabalhadores, sabemos que, atualmente, outro grupo vem caracterizando os cursos da EJA: o considerável número de adolescentes recém-egressos do período diurnos. Muitos repetindo a sina dos jovens, adultos e idosos trabalhadores recorrem à EJA em função do trabalho precoce. Outros por serem evadidos, repetentes, renitentes, expulsos, ou convidados a se transferirem dos cursos regulares, vão parar em cursos noturnos carregando a sensação de que, não havendo mais lugar para eles onde se encontravam antes, é essa escola que lhes sobra. No entanto em todos esses casos está a marca das desigualdades sociais, pois é a classe trabalhadora a mais vulnerável a essa situações.⁹¹

Nesse contexto então o grupo característico de jovens, até mesmo pela heterogeneidade, sofre preconceito por parte de alguns professores, que, na maioria das vezes, atendem também o ensino regular. Acontece que em função da maturidade e dos interesses bem definidos de alguns alunos adultos o professor pode não se dar conta dessas etapas diferentes de desenvolvimento de cada aluno. Isso pode atrapalhar o processo de ensino e aprendizagem e criar resistências por parte de alguns. Diante dessas questões Enio Santos entende a importância de se ter uma escola da EJA que abarque as diferentes realidades apresentadas por esse público, diante do seu contexto social, cultural, político, educacional e econômico. Para que isso aconteça é interessante que o ensino na EJA seja relacionado com os contextos diversos do público que essa modalidade de ensino atende. E que também esteja atento ao desnivelamento educacional dos alunos.⁹²

Dessa maneira, Moacir Gadotti apresenta a proposta curricular da Geografia na EJA considerando o seu programa de educação, a ser avaliado “pelo impacto gerado na qualidade de vida da população atingida. A educação de adultos está condicionada às possibilidades de uma transformação real das condições de vida do aluno-trabalhador”.⁹³

Diante desta conjuntura, Murilo Alves explica que quando as aulas se distanciam da realidade do educando, o processo não flui na direção do aprendizado do aluno. Segundo esse autor:

Permanecendo na visão de que o ensino está totalmente voltado para o desenvolvimento econômico do país estaremos nos desviando da percepção da realidade que o aluno possui, criando dois mundos diferentes e ele sem saber a qual pertence. Num dos mundos está a educação formal,

⁹¹ SANTOS, 2008, p. 24.

⁹² SANTOS, 2008, p. 27.

⁹³ GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. (Orgs.). *Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta*. 10. ed. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2008. p. 32. (Guia da escola cidadã; v. 5)

que o educa a pensar que através do seu estudo progredir social e economicamente, levando-o a elaborar planos para um futuro melhor, utilizando métodos e exemplos que fogem do cotidiano do estudante. Em outro mundo está o que a sala de aula não mostra, a sua própria dificuldade de no dia-a-dia, visto que para permanecer estudando ele necessita exercer algum tipo de atividade produtiva e remunerada para custear a sua vida e de sua família e que em aula não se percebe como sendo parte do que estuda.⁹⁴

O conteúdo escolar descontextualizado torna-se insignificante para a aprendizagem do aluno. Entra aí a importância da relação da Geografia com noções de outros componentes curriculares como a sociologia, por exemplo. O aprendizado acerca do espaço como construção social e histórica perceberá como a acomodação e a ocupação dos meios é desigual. No que concerne a tal questão, Márcia Resende observa que, ao realizarem uma concepção crítica do espaço e de que ele não pertence a todos, de forma que alguns possuem mais poder sobre o espaço do que outros “os alunos – trabalhadores – percebem também qual é o seu papel nesse espaço, qual é a função que lhes está reservada pelas relações sociais de produção”.⁹⁵

Diante do contexto do espaço geográfico a escola necessita dar-se conta dos porquês e das razões pelas quais o conjunto de alunos é constituído de forma tão heterogênea. O que se entende por essencial é a percepção de ensino que não distancie o estudante trabalhador de suas experiências no espaço social.

3.1 O ensino da Geografia na EJA e a contextualização do cotidiano do aluno-trabalhador

É relevante que a EJA tenha uma proposta curricular para uma modalidade de educação que atenda à realidade dos jovens e adultos, que são excluídos social e culturalmente da sociedade, dita da informação e do conhecimento. E que ainda ofereça oportunidade de ter uma configuração mais igualitária, para que possam ter subsídios para se empoderar, de maneira a superar o subemprego, o preconceito e as desigualdades. Por isso, a Geografia tem um papel fundamental no despertar de uma interpretação crítica sobre a relação social que o indivíduo estabelece no

⁹⁴ ALVES, Murilo Souto. *O ensino de geografia e os estudantes/trabalhadores: uma análise a partir de experiências com a EJA em Sapiranga-RS*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Santa Maria: UFSM. 2009. p. 34.

⁹⁵ RESENDE, Márcia M. Spyer. O saber do aluno e o ensino de geografia. In: VESENTINI, José William (Org.). *Geografia e ensino: textos críticos*. Campinas: Papirus, 2007. p. 95.

espaço em que vive. O ensino da Geografia possibilita ao aluno uma postura crítica próxima às vicissitudes cotidianas. Quem bem aborda essa questão é Murilo Alves:

A aproximação de conceitos de cotidiano com os conceitos científicos através do ensino da Geografia pode proporcionar a construção de conceitos por parte do aluno, que, por sua parte, identificará na sua realidade socioespecial o pensamento concebido por ele próprio pelas fontes entremeadas pela Geografia.⁹⁶

Essa aproximação dos conhecimentos cotidianos com os encontrados na escola, especialmente dos conteúdos geográficos, torna o processo educativo mais significativo e relevante aos educandos, principalmente os da modalidade da EJA, uma vez que seus conhecimentos prévios são extremamente significantes e significativos à sua aprendizagem; seja após anos sem estudar ou de fracasso escolar no ensino regular. Sendo assim, é papel do professor possibilitar a justaposição desses conteúdos, de maneira que a aprendizagem sobrevenha de forma mais facilitada e significativa. Deste modo, o conhecimento científico é verdadeiramente construído, e não apenas transmitido, muitas vezes sem aceção alguma para esse educando.

O ensino da Geografia deve ser aplicado para facilitar o entendimento da relação de conceitos geográficos com a vivência do aluno no espaço social, como abordam Nídia Pontuschka:

O trabalho pedagógico no componente curricular Geografia precisa permitir ao aluno assumir posições diante dos problemas enfrentados na família, no trabalho, na escola e nas instituições de que participa ou poderá vir a participar, aumentando seu nível de consciência sobre a responsabilidade, os direitos sociais, afim de efetivamente ser gente de mudanças desejáveis para a sociedade.⁹⁷

Como a Geografia é a ciência que estuda o espaço geográfico, a sociedade e a influência do sujeito nesse espaço, a relação de seus conteúdos escolares com a realidade acontece de maneira interligada, pois um depende do outro no que se refere à construção do conhecimento. Neste sentido, é preciso que o processo de ensino e aprendizagem da Geografia, especialmente em turmas da EJA, aconteça de forma que se desenvolvam habilidades de observação, representação, reflexão das concepções de ser humano, sociedade e espaço geográfico. Dessa forma, ao

⁹⁶ ALVES, 2009, p. 44.

⁹⁷ PONTUSCHKA, 2009, p. 26.

refletir sobre estes aspectos, o educando passa a ter uma posição crítica e mais aprofundada acerca da realidade dos alunos e de seu próprio papel no processo de ensino..Além do mais, o professor de Geografia precisa também recorrer a diferentes formas de conhecimento sobre um mesmo tema, buscando desenvolver esse senso crítico em relação ao conhecimento científico, para que, os educandos, munidos dessas habilidades e informações, compreendam os temas geográficos.

Com isso se favorece a participação ativa do aluno nas aulas, pois terá possibilidade de desenvolver o conhecimento a partir de suas habilidades e seus conhecimentos a respeito do espaço que ele ocupa e transforma. Não individualmente, mas de forma coletiva. No que concerne a essas considerações, Elsa Passini afirma que

O ensino da Geografia deve possibilitar ao aluno a compreensão da realidade e instrumentalizá-lo para que faça leitura crítica, identifique problemas e estude caminhos para solucioná-los; mas pra isso é necessário que os alunos e o professor sejam parceiros na busca de conhecimentos e saibam utilizá-los de forma a entender o espaço e analisá-lo geograficamente para estabelecer relações, associações entre o lugar e o mundo.⁹⁸

Apoderado dessa leitura crítica do mundo e da sociedade que o ensino da Geografia proporciona, torna-se mais fácil e possível a resolução de problemas enfrentados por esses educandos em seu cotidiano. Acima de tudo, de maneira coletiva, o que alimenta cada vez mais as relações que existem dos sujeitos entre si e com o mundo. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais o lugar demarca-se pelas relações que se constitui pelas relações nos grupos sociais mais próximos com que o sujeito convive. No entanto, é necessário considerar o fato de que não há uma única demarcação para esse conceito na Geografia. Cabe, aqui então, explorar as experiências de vida do aluno, o que é subsidiado pelo material didático, que o ajudará nesse processo de compreensão.⁹⁹

Nesse desenrolar, cabe à escola compreender as necessidades dos alunos da EJA. Quanto a isso, Moacir Gadotti, ao tratar das Diretrizes Curriculares Nacionais, afirma que “a escola não pode esquecer que o jovem e adulto [...] é fundamentalmente um trabalhador – às vezes em condição de subemprego ou

⁹⁸ PASSINI, 2007, p. 119.

⁹⁹ BRASIL, 1998.

mesmo desemprego – e que está submetido a circunstâncias de mobilidade no serviço, alternância de turnos de trabalho, cansaço etc.”¹⁰⁰

Dessa maneira, é interessante que o currículo da EJA ofereça base sólida para despertar o interesse do educando na construção do conhecimento; não se esquecendo de que o objetivo dos jovens e adultos na escola é para que busquem a sua inserção no mundo do trabalho, que tenham liberdade de escolha como cidadãos. Sem se esquecer, obviamente, da dificuldade que este público encontra para seu retorno à escola, tais como: horário de trabalho, a necessidade de dedicar tempo à família, o próprio cansaço das muitas tarefas e muitas vezes o desinteresse pela escola por causa da lembrança do ensino bancário e autoritário que esteve nela enquanto criança e/ou adolescente. Conforme Moacir Gadotti, “os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições precárias de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego etc.)”.¹⁰¹ Essa situação deve ser considerada no momento de se planejar e na execução das aulas de Geografia, de modo que as salas de aula sejam espaço de encontro e compartilhar de conhecimento e sabedoria de vida. No que se refere ao papel e à importância da escola Lana Cavalcanti salienta que esse lugar deve se constituir como:

Um espaço de encontro e de confronto de saberes produzidos e contribuídos ao longo da história pela humanidade. Ela lidar com a cultura, seja no interior da sala de aula ou nos demais espaços escolares. É significativa para o ensino de Geografia que tenha respaldo nas diversidades culturais que encontramos na própria escola.¹⁰²

Por outro lado, os currículos da EJA precisam também levar em consideração a profissionalização dos alunos da EJA, uma vez que a própria LDB, em seu artigo 4º, inciso VI, afirma que o Estado deve garantir: “oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola”.¹⁰³ Neste ponto, parece que conciliar o respeito à diversidade e às sabedorias culturais com uma educação voltada às necessidades de profissionalização dos alunos é o melhor

¹⁰⁰ GADOTTI; ROMÃO, 2008, p. 120.

¹⁰¹ GADOTTI; ROMÃO, 2008, p. 31.

¹⁰² CAVALCANTI, Lana de Souza. *O ensino de geografia na escola*. São Paulo: Papirus, 2012. p. 176.

¹⁰³ BRASIL, 1996.

caminho para a EJA. Para isso é preciso que as políticas públicas assegurem um ensino de qualidade com ações que despertem o interesse dos alunos para permanecerem na escola, como explica Enio Santos:

Quando afirmamos que o público da EJA é formado essencialmente por trabalhadores consideramos que o corte de classe é fundamental para compreendemos a própria existência da EJA enquanto modalidade de ensino. Em países como o Brasil, onde os benefícios do Estado de Bem-Estar Sociais não alcançaram a totalidade da classe trabalhadora, não podemos confundir a EJA com a educação de adultos, com qualquer adulto, com qualquer educação. Estamos aqui nos referindo ao processo de escolarização de classe trabalhadora, porque a ela foi negada a possibilidade da educação escolar na infância e na adolescência.¹⁰⁴

As exigências do mundo do trabalho e a necessidade de sobrevivência, por sua vez, induziram esses sujeitos a decidirem pelo trabalho em detrimento dos estudos, uma vez que consideravam que um atrapalharia o outro. A escolha pelo trabalho pela maior parte desses sujeitos foi a maneira que encontraram para se manter e sobreviver, numa época em que o mercado de trabalho se caracterizava pela exigência de mão de obra barata e sem necessidade de qualificação. Essa classe trabalhadora busca hoje, diferentemente, alcançar o objetivo de se escolarizar. Isso porque, ao contrário da época em que deveriam estudar, hoje tanto a sociedade como o mercado de trabalho exigem qualificação profissional para postos de trabalho em que antes não era preciso. São exemplos disso trabalhos de limpeza nas empresas, de motorista, de balconista e mais um sem número de exemplos.

As exigências do mercado de trabalho atual, devido aos avanços tecnológicos e de automação, desencadeiam uma exigência quase frenética por escolarização e qualificação por parte dos trabalhadores. Tal situação é citada por Gilcélia Silva como fator predominante pelo retorno de jovens e adultos à EJA.

As transformações tecnológicas que englobam materiais e equipamentos para a realização das atividades de trabalho exigem a formação de um novo trabalhador que antes exigia apenas sua força física e hoje se exige sua criatividade, capacidade de iniciativa, entre outras habilidades. As exigências atuais remetem o trabalhador a cursos de atualização, ao aprimorando de seus conhecimentos e diante deste quadro, muitos jovens e adultos retornam à escola, motivados pela perspectiva de ocupar um posto de trabalho ou de ocupar outros cargos na empresa, em busca de melhoria de vida pessoal e de seus familiares. A seleção para ocupar um posto de trabalho, se torna cada vez mais rigorosa e privilegia quem tem um bom

¹⁰⁴ SANTOS, 2008, p. 45.

desempenho escolar, além do empregador dá mais atenção para as atividades de treinamento. É fato que o mercado de trabalho treina o seu pessoal, exige escolaridade e nesse processo, há um grande movimento de retorno às salas de aula, por parte dos jovens e adultos que buscam inserção e permanência no mercado de trabalho.¹⁰⁵

Nessa direção, Miguel Arroyo entende que a EJA se constitui como um modelo de educação em que o processo político está muito presente. O autor entende a EJA positivamente da seguinte maneira: “possível por ser um campo aberto, não fechado e nem burocratizado, por ser um campo de possíveis intervenções de agentes diversos da sociedade, com propostas diversas de sociedade e do papel do povo”.¹⁰⁶ Esse processo de ensino, que é político, possibilita uma ampla discussão acerca do modelo de educação voltado para o público jovem e adulto, cuja característica mais marcante é a de se constituir como classe de trabalhadores, que necessitam equilibrar estudos e trabalho. Por isso mesmo, o processo de ensino e aprendizagem deve acontecer por meio de práticas o mais próximo possível da realidade desses educandos-trabalhadores, principalmente quanto à concepção de ensino voltada para a profissionalização desses alunos. Desta forma o desenvolvimento de uma proposta pedagógica do ensino da Geografia direcionado para o cotidiano desse público tem necessidade de relacionar diretamente escola e trabalho, como afirma Enio Santos:

Assim, investigar a educação geográfica voltada para o público jovem e adulto trabalhador requer minuciosa análise do contexto político em que se inserem a elaboração e a implantação de diferentes propostas curriculares, bem como da influência deste no processo de seleção cultural e de recontextualização dos discursos geográficos e pedagógicos referentes à EJA.¹⁰⁷

Diante do cenário de diversidade cultural e das novas tecnologias é necessário que a Educação de Jovens e Adultos tenha uma nova postura de contribuição com o desenvolvimento integral do ser humano. Dentro desse contexto, encontra-se o ensino da Geografia para jovens e adultos. Alunos que possuem um conjunto de informações mais amplo do que os das crianças e dos adolescentes e que, ao mesmo tempo, possuem uma visão de mundo mais apurada, o que torna possível um desenvolvimento mais significativo de diálogo e, conseqüentemente, do

¹⁰⁵ SILVA, Gilcélia da et. al. A educação de jovens e adultos e o mercado de trabalho. In: SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, 1., 2010, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: PUC, 2010. p. 3.

¹⁰⁶ ARROYO, 2005, p. 31

¹⁰⁷ SANTOS, 2008, p. 154.

senso crítico. Tendo que estudar e trabalhar, a maioria desses alunos tem jornadas duplas, até mesmo triplas, principalmente as mulheres. Motivos pelos quais a evasão é mais acentuada entre as mulheres do que entre os homens. Quanto a isso Arroyo ainda explica que "carregam trajetórias perversas de exclusão social, vivenciam trajetórias de negação dos direitos mais básicos à vida, ao afeto, à alimentação, à moradia, ao trabalho e à sobrevivência".¹⁰⁸

Essas trajetórias tortuosas que o educando jovem e adulto percorreu em sua vida explicam o porquê do abandono ou mesmo de não terem acessado à escola quando crianças e adolescentes. Voltar a estudar em classes de Educação de Jovens e Adultos requer deles um esforço físico, cognitivo e emocional muito grande. Dessa maneira, a escola deve proporcionar um verdadeiro resgate de tempo no processo de ensino-aprendizagem desses sujeitos, de maneira tal que possam exercer sua cidadania plena. Para isso é preciso ter base na vivência cultural do educando e que a escola tenha estratégias para adequar a essa realidade a integração no mundo profissional e também uma visão ampla do ambiente social. Diante disso, Miguel Arroyo explica:

Se reconhecemos que o processo de produção e apreensão do conhecimento são culturais não tem sentido ignorar os processos culturais vivenciados pelos educandos em cada tempo da vida e em cada contexto. Os conhecimentos podem ser os mesmos, mas os alunos (as) os reinterpretarão a partir desses contextos culturais. Na reconstrução das trajetórias dos alunos vimos como se queixam de que a escola e os mestres os ignoram como sujeitos sociais e culturais. Em cada tempo da vida haverá estratégias variáveis para construções e apropriações de significados por parte desses sujeitos. Uma criança, um adolescente ou um jovem ou adulto, por estarem em tempos de vivências diferentes, gerarão práticas diferentes de apreensão dos conteúdos previstos nas disciplinas e no currículo. No processo de aprender, colocarão em ação saberes, processos, lógicas e instrumentos da cultura, adquiridos e acumulados em suas trajetórias de vida.¹⁰⁹

Dentro desse contexto, encontra-se o ensino da Geografia. Cabe ao professor desse componente curricular encontrar métodos de ensino e organizar sequências didáticas voltadas para esse público, diferenciando-a das práticas pedagógicas voltadas a crianças e adolescentes. Respeita-se assim o conhecimento amplo de mundo e a sabedoria de vida dos jovens e adultos, de maneira tal que se reflita acerca das questões relacionadas ao ser humano, sociedade e espaço

¹⁰⁸ ARROYO, 2005, p. 32.

¹⁰⁹ ARROYO, Miguel González. *Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 220-221.

geográfico. Construindo assim coletivamente e pelo diálogo novos conhecimentos. Francisco Sampaio apresenta a importância da Geografia como

A ciência que fornece os instrumentos básicos para a compreensão de como o espaço foi construído e de como se dá sua reconstrução num processo contínuo, devido à ação humana. A partir dessa compreensão, aponta caminhos para a reconstrução de um espaço que traduza uma distribuição socialmente mais justa, com um índice cada vez menor de degradação e/ou de forma menos agressiva.¹¹⁰

Esse repensar e transformar que a Geografia traz para a o debate sobre sociedade e espaço geográfico proporciona desenvolvimento do senso crítico do educando jovem e adulto, especialmente no que se refere ao mundo do trabalho, suas concepções, características, possibilidades e exigências. Mas não só. Acentuam uma busca por atuação mais consciente diante das injustiças sociais e ambientais nos “meios ambientes”. No decorrer histórico da discussão sobre o conceito de trabalho pela Geografia, também na perspectiva da EJA, este tema se desdobra em outros aportes. Isso se deve muito à ideia de trabalho como ação humana. Enquanto tal trabalho está relacionado a diversas formas de atuação humana e interação social e ambiental. Da mesma maneira pode-se afirmar que o trabalho não é um conceito fechado, mas envolve uma diversidade grande de entendimentos, dependendo dos contextos socioculturais.

O conceito de trabalho não se configura historicamente em categoria central de Geografia. Isso não quer dizer, no entanto. Que ele esteja presente na abordagem geográfica, pois a compreensão enquanto ação humana, desde sua dimensão ontológica até a forma que assume em diferentes contextos históricos, é essencial para o desenvolvimento de variados temas da Geografia.¹¹¹

Enio Santos explica que o trabalho não é o tema principal da Geografia, mas está presente nas discussões abordadas em vários temas geográficos. Essas considerações podem ser observadas nas pesquisas de Murilo Alves realizadas no município de Sapiranga-RS com estudantes trabalhadores da EJA da Escola Dr. Décio Gomes Pereira.¹¹² A pesquisa teve o intuito de analisar as diversas influências do trabalho e suas condições na formação da sociedade e a configuração do espaço que se pode estabelecer na relação entre o estudo da Geografia e o estudante

¹¹⁰ SAMPAIO, 2005, p. 4.

¹¹¹ SANTOS, 2008, p. 273.

¹¹² ALVES, 2009, p. 10.

trabalhador. O autor abordou conceitos e temas ligados diretos e indiretamente ao trabalho e à Geografia. Os assuntos pesquisados foram a organização e a divisão social do trabalho, os fatores econômicos que ordenam estes elementos, trabalho mediante a globalização e as transformações sócio-espaciais causadas pelos fatores anteriores. Na análise da sua pesquisa Murilo Alves percebeu que o ensino de Geografia deve estar contextualizado a partir da realidade dos alunos trabalhadores. Isto para que se facilite aos estudantes realizarem uma leitura de mundo com base em sua realidade.¹¹³

Considerando que através do discurso empregado pela Geografia há um estímulo para a inserção de vários elementos que ajudam na compreensão do espaço, o estudante pode fazer sua própria leitura e interpretação da realidade geográfica que vive. Diante desta consideração Murilo Alves notou que nas atividades aplicadas de sua pesquisa que essa inserção temática contribui para que

[...] os estudantes sentissem alvo e ao mesmo tempo, sujeitos das transformações sócio-espaciais, atuando como cidadãos críticos e conscientes na sociedade além de perceber a inserção das relações de trabalho através do ensino de Geografia com aos estudantes/trabalhadores a importância do pensar crítico proporcionando uma melhoria na qualidade de vida.¹¹⁴

No que concerne a estas questões de compreensão de trabalho e espaço, Docimar Querubin afirma que, “tradicionalmente, a educação foi utilizada como instrumento para atender às necessidade do mercado de trabalho, que exige uma determinada formação e define o perfil do trabalhador, conforme o modelo produtivo vigente em cada época”.¹¹⁵ Este autor entende que o trabalhador muda de perfil na medida em que o modelo de produção também se transforma. Nesse caso há a necessidade de recorrer à educação com a intenção de se manter apto para novas exigências do mundo moderno. Esta reflexão está de acordo com o pensamento de Lana Cavalcanti:

As transformações sociais, econômicas e culturais por que tem passado o mundo nos últimos anos afetaram de modo significativo a esfera do trabalho. Diante disso, discussões são feitas enfocando novos

¹¹³ ALVES, 2009, p. 108

¹¹⁴ ALVES, 2009, p. 110.

¹¹⁵ QUERUBIN, Docimar. *Educação de adultos: a experiência dos metalúrgicos do Programa Integrar/RS*. Porto Alegre: TOMO Editorial, 2005. p. 42.

entendimentos da noção de trabalho e de sua dinâmica, bem como as exigências quanto à qualificação profissional.¹¹⁶

O que a Geografia precisa estimular diante dessa lógica do mercado e do capitalismo globalizado é outra compreensão de competitividade. Não tanto como competição, de guerra, mas que entenda a atuação humana no espaço e em sociedade baseada na alteridade e na compaixão. Nos últimos séculos essa concorrência vem se transformando em novas formas de competitividade, como assevera Milton Santos.

Nos últimos cinco séculos de desenvolvimento e expansão geográfica do capitalismo, a concorrência se estabelece como regra. Agora a competitividade toma o lugar da competição. A concorrência atual não é a mais velha concorrência, sobretudo porque chega eliminando toda forma de compaixão. A competitividade tem a guerra como norma. Há, a todo custo, que vencer o outro, esmagando-o, para tomar seu lugar.¹¹⁷

Diante desta situação percebe-se que o cenário atual do trabalho é conflitante, pois há desrespeito à diversidade entre as pessoas. O trabalho no sistema capitalista desumaniza, ao invés de proporcionar condições de existência digna para a humanidade. A exclusão social e a devastação do meio ambiente, conseqüentemente, as transformações no espaço geográfico, podem ser percebidas no processo de aprendizagem sob o olhar crítico da Geografia. Nisso, as vivências dos alunos da EJA podem contribuir muito, pois eles próprios vivem esta realidade.

3.2 A perspectiva do educando da EJA no mundo globalizado

De maneira geral, a globalização é processo complexo de ser explicado. Habitualmente é entendido pelas grandes transformações e inovações tecnológicas que favorecem o estreitamento econômico das relações entre países e empresas, que de certa forma consistem em uma integração, não apenas no ponto de vista econômico, como social, cultural e político. Por outro lado, a globalização também é a homogeneização dos processos produtivos por meio da unicidade da técnica. Pode-se arrolar outros fatores além destes, mas a ideia central é o lucro, mais valia, como motor único da história. De acordo com Milton Santos, a globalização pode ser entendida nesta direção. E ainda compreende que

¹¹⁶ CAVALCANTI, 2012, p. 62.

¹¹⁷ SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 22. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012. p. 46.

[...] devemos considerar a existência de pelo menos três mundos num só. O primeiro seria o mundo tal como nos fazem vê-lo: a globalização como fábula; o segundo seria o mundo tal como ele é: a globalização como perversidade; e o terceiro, o mundo como ele pode ser: uma outra globalização.¹¹⁸

O processo de globalização, a depender de como é encarado, está presente na vida do educando jovem e adulto de diversas maneiras, inclusive na necessidade de qualificação profissional. Sendo assim, é fundamental que esses sujeitos compreendam os impactos da globalização no mercado de trabalho seja mundial, regional ou local, de maneira que, através do diálogo com seus pares, encontrem estratégias que os insiram qualitativamente nessa realidade, que, quase sempre, se caracteriza como excludente. Além disso, é relevante compreender que com a globalização os acontecimentos no mundo aparentemente se tornam mais próximos. Parece que há uma convergência de tempo, de momentos e de espaços (a ideia de aldeia global). Contudo, como revela Milton Santos, essa globalização é uma fábula. Ela favorece as especulações financeiras, por exemplo, com a concentração imaginativa do lucro nas mãos dos países ricos. Se, por um lado, há a possibilidade de se conectar com diversas culturas do planeta como também acesso amplo às artes, músicas, cinemas e todas as inovações tecnológicas. Por outro lado, a globalização mascara a perversidade desse sistema ancorado no lucro e no culto ao consumo. Em nome da homogeneização do mercado em escala global as diferenças e desigualdades regionais.¹¹⁹

Diante da análise em relação ao contexto do mundo globalizado, percebe-se a preocupação dos autores das teses que dão embasamento a este trabalho de pesquisa na investigação sobre como o educando se insere e se compreende nas diversas relações existentes na organização do espaço geográfico e social. O entendimento dos conhecimentos geográficos pode explicar as dúvidas e os impasses que o educando da EJA encontra na configuração espacial onde está inserido. Neste sentido, dá-se conta dos reflexos da globalização no mundo marcado por injustiças sociais, degradação ambiental e perda do conhecimento cultural diverso, regional. Os educandos da EJA, por meio de suas sabedorias de vida, podem apontar para a lógica perversa do capital, que impõe a competitividade e o consumo com regras inquestionáveis. Segundo Milton Santos, “a Globalização mata

¹¹⁸ SANTOS, 2012, p. 18.

¹¹⁹ SANTOS, 2012. p. 28s.

a noção de solidariedade, devolve o homem à condição primitiva do cada um por si e, como se voltássemos a ser animais da selva, reduz as noções de moralidade pública e particular a um quase nada”.¹²⁰ Diante da visão do autor observa-se que a humanidade vive um momento que a relação entre as pessoas se encontra em desarmonia com a vida em sentido “comum” (vida partilhada).

A partir do momento em que o educando não acompanha as mudanças atuais no setor profissional, principalmente quando se encontra desempregado, se vê excluído das condições de socialização ditadas pela globalização. A escola, por sua vez, acompanha, por meio de educação baseada na competitividade, o capitalismo globalizado. Apesar disso, as escolas não têm conseguido encaminhar os jovens para este mercado competitivo. Segundo Docimar Querubin,

Os métodos de formação profissional não tem conseguido suprir a demanda de qualificações exigidas pelo mercado de trabalho, o qual necessita de trabalhadores polivalentes e não mais de aprendizagens restritas ao controle de um equipamento metal-mecânico.¹²¹

Murilo Alves também observa em sua pesquisa, com base nos relatos alunos,

que muitos estão estudando tanto na Educação Escolar como também em curso profissionalizantes devido às exigências das indústrias para que tenha um mínimo de qualificação para exercer uma determinada atividade de acordo com cada maquina. Porém não garante aumento de salários, apenas o emprego atual com os mesmos direitos de antes.¹²²

Esta seria uma educação muito restritiva à qualificação imediata. Ineficiente em promover processos educativos para a construção da cidadania. Ela está voltada à formação de trabalhadores quase que exclusivamente.

3.3 Breve reflexão sobre as dificuldades do trabalhador

O trabalho se configura como a força que move o mundo capitalista globalizado, base sobre a qual se assentam os sistemas de produção e consumo do modelo econômico atual. Dessa maneira, as funções humanas são usualmente percebidas por sua serventia produtiva dentro da organização. Por outro lado, as

¹²⁰ SANTOS, 2012, p. 65.

¹²¹ QUERUBIN, 2005, p. 113

¹²² ALVES, 2009, p. 90.

boas condições de trabalho favorecem ao trabalhador subsídios para o desenvolvimento de suas atividades, conseqüentemente de suas capacidades humanas. No entanto, o que se observa é um cenário precário, de significativas explorações da mão de obra pelas empresas nacionais e transnacionais, que interferem na caracterização dos espaços humanos. Nessa direção, Murilo Alves defende que

A precarização do trabalho gera distorções espaciais devido à queda na qualidade de vida social do indivíduo enquanto trabalhador. Este fato irá provocar mudanças na vida desses trabalhadores já que para tentar obter uma melhor condição de trabalho que possam lhe proporcionar uma maior remuneração.¹²³

Murilo Alves ainda menciona que “a real função da educação deve ser a de auxiliar na formação de cidadãos críticos e ativos, conscientes da sua realidade socioeconômica e dispostos a alterá-la de modo democrático, em conjunto com a sociedade”.¹²⁴ Nesta perspectiva, a Geografia, refletindo acerca das relações de trabalho, é um componente curricular que influencia na ampliação do senso crítico dos alunos jovens e adultos, dependendo das estratégias, dos métodos e dos recursos utilizados pelos professores. Neste sentido, Murilo Alves salienta que

A Geografia, através dos mais diversos métodos e instrumentos de ensino, pode se aproximar cada vez mais da realidade dos estudantes. Desta forma, o mundo que os cerca passará a ser interpretado de um modo claro e lógico por parte de quem o compõe, compreendendo as diversas relações que organizam o espaço e a sociedade em que vivemos e que nem sempre se apresentam de modo claro para todos. Esta compreensão poderá auxiliar numa releitura social e espacial críticas, contribuindo para a construção de um modelo social que busque equalizar as oportunidades e condições saudáveis de vida para todos.¹²⁵

Esse processo de busca de uma melhor qualidade de vida, dentre eles do trabalho, faz parte do senso crítico que a Geografia escolar possibilita aos educandos jovens e adultos no processo de reflexão-ação-reflexão da realidade. No mais, através das pesquisas realizadas para a construção desse capítulo foi observado que a influência do ensino da Geografia na formação de jovens e adultos trabalhadores acontece de forma que o conhecimento geográfico possibilite subsídios para o profissional da EJA. Também foi constatado que o discurso

¹²³ ALVES. 2009, p.30.

¹²⁴ ALVES, 2009, p. 38.

¹²⁵ ALVES, 2009, p. 47.

empregado pela Geografia Crítica favorece a interpretação de mundo partindo do seu próprio contexto, tornando-se o ensino mais atrativo em que se cria possibilidades de suas próprias descobertas com as experiências da vida.

CONCLUSÃO

O resultado dos questionamentos que constituíram este trabalho final de mestrado foi obtido com o intuito de encontrar respostas às problematizações provenientes do estudo de questões sobre o universo conceitual da Geografia aplicada à EJA, buscando entender o lugar ocupado pelo ensino deste componente curricular e seus significados para a realidade do educando.

Nesse sentido, o presente trabalho focou questões básicas, porém relevantes, da Educação de Jovens e Adultos, especialmente, quanto ao currículo e à relação com o mundo do trabalho. Dessa maneira, procurou-se avaliar as contribuições que a Geografia pode proporcionar na formação na e para a cidadania. Foram abordadas temáticas inerentes ao cotidiano dos sujeitos que estudam em classes da EJA. Procurou-se também tecer comentários acerca das transformações do ensino nessa modalidade no Brasil. Entende-se ainda que, nos tempos atuais, não há um ensino que atenda às especificidades, características e prioridades dos sujeitos protagonistas da EJA, de maneira que sejam fortalecidos seus vínculos com a escola, gerando evasão, o que contraria a ideia de permanência nas instituições escolares.

Outra situação sinalizada na construção da temática da Geografia foi a importância do uso da literatura no ensino da Geografia para o público da EJA, aproximando mais o educando do conhecimento científico geográfico. Essa perspectiva fundamentou-se na pesquisa de Vivian Martins, que apresenta como a literatura favorece a construção do conhecimento geográfico. Além do mais, as diversas formas de arte ajudam o educando, principalmente jovens e adultos, no incentivo da descoberta do mundo, o que possibilita a compreensão do contexto social e da realidade espacial em que se encontra.

Deste modo, nota-se que as diferentes metodologias são fundamentais para o processo de ensino e aprendizagem, como forma de possibilitar um trabalho pedagógico diversificado e construtivo. Ao contrário das aulas conteudistas, que ainda são valorizadas por diversas escolas, com conhecimentos e formas de trabalho que se distanciam dos interesses e de uma visão mais integral do educando jovem e adulto.

Essa abordagem tradicional de ensino baseado exclusivamente na transmissão de conteúdo torna-se irrelevante quando o trabalho é realizado com sujeitos que já possuem certa compreensão de sociedade e mundo, além de possuírem mais maturidade de vida. Cabe então ao professor diversificar a linguagem, estratégias, métodos, recursos, bem como critérios e instrumentos de avaliação que atendam às particularidades do público-alvo em questão.

Já no que se refere ao currículo para a Educação de Jovens e Adultos entende-se a necessidade de que este se adeque às diversidades; atingindo assim as particularidades de certa localidade ou região de um país. De modo que seja possível o acesso e a permanência desses sujeitos na escola, por considerarem relevantes e significativos os conhecimentos construídos coletivamente no processo educativo para a vida social destes. Nessa proposta almeja-se um currículo que ofereça possibilidades de uma aprendizagem significativa para o educando da EJA, que desperte assim o interesse dessas pessoas pela aquisição e transformação do conhecimento. Para que isso seja relevante, é preciso refletir sobre as organizações do currículo da EJA de acordo com o espaço onde se aplica a ação pedagógica, no intuito de possibilitar a inserção de novos conhecimentos.

Foi constatada ainda no decorrer da análise das pesquisas a importância da proposta pedagógica subsidiar os trabalhos dos educadores de forma que sejam construídas referências culturais, econômicas, sociais e políticas em favor de um ensino com postura dialogal e consciente com o conhecimento dos educandos. Já no que se refere à pesquisa sobre o livro didático da EJA, observou-se que a presença do livro didático na escola é essencial quando permeada por um ensino de qualidade. A instituição escolar deve oferecer subsídios que correspondam com as perspectivas dos estudantes jovens e adultos trabalhadores. Notou-se que é interessante na construção do livro para essa modalidade de ensino a abordagem de temáticas com linguagem adequada para o público jovem e adulto. Diferentemente da linguagem para as crianças e os adolescentes. No caso da EJA a linguagem pode estimular mais as experiências de vida e as visões de espaço geográfico de cada aluno.

Percebe-se que o ensino de Geografia tem um objetivo fundamental para os indivíduos da EJA, uma vez que lhes possibilita interagirem com o senso crítico no espaço em que estão inseridos. É notória ainda a necessidade da educação da EJA

se adequar criticamente às transformações no mundo globalizado. Com isso se constata que é interessante para o aprendizado desse público que o ensino de Geografia seja contextualizado de acordo com a realidade dos alunos trabalhadores e que favoreça sua própria leitura de mundo, além de um questionamento do acesso ao trabalho.

Diante do que foi analisado sobre currículo da EJA, livro didático e materiais didáticos para o ensino de Geografia nessa modalidade de ensino, percebeu-se que a importância do currículo na EJA está relacionada com a realidade do educando. Além do mais, vale ressaltar como o mundo do trabalho influencia na Educação de Jovens e Adultos. Considerando que a maior parte dos alunos que compõe as classes de aula voltadas para essa modalidade é composta de trabalhadores, mesmo que não tenham emprego formal ou que estejam desempregados. São pessoas que, por algum motivo, deixaram de estudar na idade adequada e/ou que tiveram dificuldades para permanecer na escola. A maioria desses educandos trabalha porque são responsáveis ou ajudam na economia das famílias. Dentro dessa conjuntura, o processo de globalização força a Educação de Jovens e Adultos a um mero esforço de profissionalização, desconsiderando que a educação serve antes para a formação da pessoa humana, da sua dignidade.

Neste sentido, a Geografia dentro do processo de ensino e aprendizagem dos educandos da EJA pode e deve ser importante como promotora da recuperação do tempo perdido de ensino, equalizadora e qualificadora. Isto porque a Geografia é um componente curricular que trata da realidade social e espacial das pessoas. Muito ainda há que se discutir e se aprofundar acerca desses temas, no entanto, foi necessário esse passo para que se tornassem públicas tais questões que permeiam essa modalidade de educação, principalmente no tocante à disciplina ou ao componente curricular Geografia. Em muitos sentidos, estimuladora de discussões políticas a respeito dos espaços humanos e geográficos, como indissociáveis.

REFERÊNCIAS

ALVES, Murilo Souto. *O ensino de Geografia e os estudantes/trabalhadores: uma análise a partir de experiências com a EJA em Sapiranga-RS*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Santa Maria: UFSM. 2009.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *História da Educação*. São Paulo: Moderna, 1996.

ARROYO, Miguel González. Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio J.G.; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (Orgs.). *Diálogos na educação de jovens e adultos*. Belo Horizonte: Autêntica. 2005. p. 19-50.

ARROYO, Miguel González. *Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres*. Petrópolis: Vozes, 2004.

BARCELOS, Valdo. *Educação de jovens e adultos – sobre currículos e práticas pedagógicas numa perspectiva intercultural*. Disponível em: <http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2010/Educacao_de_Jovens_e_Adultos/Trabalho/07_08_07_EDUCACAO_DE_JOVENS_E_ADULTOS__sobre_curruculos_e_praticas_pedagogicas_numa_perspectiva_intercultural.PDF>. Acesso em: 12 mai. 2013.

BARRETO, Vera (Coord.). *Trabalhando com a educação de jovens e adultos*. Brasília: Secretaria de Educação Continuada/Alfabetização e Diversidade, 2006.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB 9334/96.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Proposta curricular para a educação de jovens e adultos: segundo segmento do ensino fundamental: 5ª a 8ª série*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 2002. (v. 1).

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Proposta curricular para a educação de jovens e adultos: primeiro segmento do ensino fundamental: 1ª a 4ª série*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 2001.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: história e Geografia*. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro052.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2013.

CASTELLAR, Sônia; VILHENA, Jerusa. *Ensino de Geografia*. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (org.). *Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano*. Porto Alegre: Mediadora, 2008.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *O ensino de Geografia na escola*. São Paulo: Papyrus, 2012.

CORRÊIA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de (Org.). *Geografia: conceitos e temas*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p.

FÓRUM de Educação de Jovens e Adultos do Estado de Rio de Janeiro. Disponível em: <forumeja.org.br/histórico>. Acesso em: 13 mai. 2013.

FREIRE, Ana Maria Araújo. *Analfabetismo no Brasil: da ideologia da interdição do corpo, ideologia nacionalista, ou de como deixar sem ler e escrever desde as Catarinas (Paraguaçu), Filipinas, Madalenas, Anas, Genebras, Apolônias e Grácias até os Severinos*. São Paulo: Cortez, 1993.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam*. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Olho d'Água, 2006.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 37. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

GADOTTI, Moacir. *Um cenário possível da educação de jovens e adultos no Brasil*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2003.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. (Orgs.). *Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta*. 10. ed. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2008.

GHIRALDELLI JR, Paulo. Entrevista: o plano do heroísmo. *Revista Educação*. São Paulo: Editora Segmento, n. 129, p. 40-45, janeiro 2008.

GOMES, Nilma Lino (Org.). *Indagações sobre currículo: diversidade e currículo*. Brasília: Ministério da Educação Secretaria de Educação Básica, 2007.

LOPES, Selva Paraguassu e SOUSA, Luzia Silva. EJA: uma educação possível ou mera utopia? *Revista Alfabetização Solidária (Alfasol)*, São Paulo, n. 5, p. 1-20, 2005. Disponível em: <http://www.cereja.org.br/pdf/revista_v/Revista_SelvaPLopes.pdf >. Acesso em: 25 abr. 2013.

MARQUES, Izabel Christina. *Algumas considerações históricas sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil*. Disponível em: <<http://forum.unifreire.org/forumpaulofreire2006/files/2012/09/comunica.pdf#page=254>>. Acesso em: 26 abr. 2013.

MARTINS, Vivian Christine. *A didática no processo de alfabetização de jovens e adultos: uma leitura do cotidiano a partir da Geografia e de textos literários*. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). São Paulo: USP, 2006.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Educação de Jovens e Adultos*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=290&Itemid=816>. Acesso em: 15 mai. 2012.

MOREIRA, Antonio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu da. *Currículo, cultura e sociedade*. São Paulo: Cortez, 1995.

MOREIRA, Ruy. *Pensar e ser em Geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico*. São Paulo: Contexto, 2011.

NETO, Fernanda Borges. *A Geografia escolar do aluno EJA: caminhos para uma prática de ensino*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Uberlândia: UFU, 2008.

PASSINI, Elsa Yasuko. *Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado*. São Paulo: Contexto, 2007.

PEREIRA, Diamantino. Paisagens, lugares e espaços: a Geografia no ensino básico. *Boletim Paulista de Geografia*. São Paulo: AGB/SP, n. 79, p. 9-2, jul. 2003.

PNAD: Taxa de analfabetismo cai no país, mas atinge 9,1% da população com mais de 18 anos. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/noticias/2012/09/21/taxa-de-analfabetismo-cai-no-pais-mas-ainda-atinge-91-da-populacao-com-mais-de-18-anos.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2013.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib et al. *Para ensinar e aprender Geografia*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

PORCARO, Rosa Cristina. Educação de jovens e adultos: a regulação das políticas públicas no Brasil. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 17., 2009, Campinas. *Anais do 17º COLE*, Campinas: ALB, 2009. Disponível em: <<http://www.alb.com.br/portal.html>>. Acesso em: 15 mai. 2012.

QUERUBIN, Docimar. *Educação de adultos: a experiência dos metalúrgicos do Programa Integrar/RS*. Porto Alegre: TOMO Editorial, 2005.

RESENDE, Márcia M. Spyer. O saber do aluno e o ensino de geografia. In: VESENTINI, José William (Org.). *Geografia e ensino: textos críticos*. Campinas: Papirus, 2007.

RESENDE, Marcia Spyer. *A geografia do aluno trabalhado: caminhos para uma prática de ensino*. São Paulo: Loyola, 2007.

SAMPAIO, Francisco Pinheiro. *Coleção geografia do século XXI*. Curitiba: Positivo, 2005.

SANTOS, Enio José Serra dos. *Educação geográfica de jovens e adultos trabalhadores: concepções políticas e propostas curriculares*. Tese (Doutorado em Educação). Niterói: UFF, 2008.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 22. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SILVA, Gilcélia da et. al. A educação de jovens e adultos e o mercado de trabalho. In: SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, 1., 2010, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: PUC, 2010.

SOARES, Leôncio José Gomes. A educação de jovens e adultos: momentos históricos e desafios atuais. *Revista Presença Pedagógica*. Belo Horizonte: Dimensão, v. 2, n. 11, p. 27-35, set/out 1996.

SOARES, Leôncio José Gomes. O surgimento dos fóruns de EJA no Brasil: articular, socializar e intervir. *Revista de EJA*, n. 17, maio de 2004.

VESENTINI, José William. A questão do livro didático no ensino da Geografia. In: VESENTINI, José William (Org.). *Geografia e ensino: textos críticos*. Campinas: Papirus, 2007.